

PABLO - Claro. O que passou, passou, n'ê bicho? A gente se gosta muito. Sô não tem se cruzado seguido. Mas eu te dou o telefone dela.

LUCAS - Legal. Com essa estória do pós-graduação, eu não tenho tido tempo de procurar as pessoas. E precisaria de mais uma atriz, pra fechar. Você tem alguma sugestão?

PABLO - Cara, tenho a sugestão. Te segura firme Tu tá sentado?

LUCAS - Fala logo!

PABLO - É uma ex-atriz dos COMEDIANTES DA PROVÍNCIA recém-chegadinha do exterior, te prepara: (pausa) a Camila!

LUCAS - (Depois de um tempo, começa a rir. Pablo ri junto). A Camila, Pablo? (Forte) A Camila tá de volta? Que loucura!

PABLO - Eu acho que ela fecha todas! Quê que tu acha?

LUCAS - Será que ela topa?

PABLO - Acho que sim. Ela me falou que tava a fim de fazer teatro de novo. Ainda mais dirigida por ti...

LUCAS - Será?

PABLO - Olha, eu te dou o telefone dela e tu mesmo verifica. Anota aí: 31...

LUCAS - 31...

PABLO - 69...

LUCAS - 69...

CENA II

(Campainha. Lucas vai atender. É Camila. Depois de um 10 momentos de espanto, abraçam-se emocionados.)



CAMILA - Deixa eu te olhar...deixa eu te ver bem ... me conta...me diz alguma coisa, pôxa! Vai ficar mudo? (Ri)

LUCAS - É você que me deixa assim! Eu não...consigo acreditar! (Abraçam-se de novo)

CAMILA- (Baixinho) tá bonito. Mais maduro...mais homem. Se bem que aquele "jeitinho" de guri, tu não vai perder nunca! (Riem)

LUCAS - (Passando a mão no cabelo dela) Você também tá linda...

CAMILA- Ih, não gostei: trocou o "tu" pelo "você" (Riem)

LUCAS - Agora eu faço a maior confusão. Uma hora falo "você", outra hora falo "tu"... Mas vem, entra, vamos sentar, vamos conversar. Eu quero te ver melhor... Teu cabelo (toca-o) cada vez mais lindo!

CAMILA- E já com uma "coleção" respeitável de fios brancos.

LUCAS - Tudo bem, pra quem já dobrou os trinta, como nós; é charme.

CAMILA- É charme... É a "idade da razão". Apesar de que, quanto mais o tempo passa, mais irracional me parece a "tal de razão" (Riem).

LUCAS - (Com afeto) E como é que você tá?

CAMILA- Bem... tanto quanto se pode tar bem nesse mundo. Uma alegria pra cada sete tristezas, preocupações ou problemas. Acho que é mais ou menos essa a proporção média a que o ser humano chegou, não é? (Ele ri) E tu?

LUCAS - Eu acho que tou legal também, esse legal relativo que você fala. É isso aí mesmo. Mas eu quero saber detalhes da tua vida. A gente nunca mais se viu desde que...

CAMILA- ... Desde que o nosso relacionamento dançou da aquele jeito...

LUCAS - É. Como a gente não sabia das coisas!



eu saiba muito mais agora...

CAMILA- Mas pelo menos a gente sabe mais...que não sa
be nada. (Riem)

LUCAS - Nesse tempo todo eu só te via pela TV (Imitando
voz de locutor)" E agora diretamente de Roma, a
nossa correspondente Camila Piatelli" (Riem)

CAMILA- Pois a minha vida na Itália foi basicamente isso:
trabalho, viagem...

LUCAS - (Com 2º intenção) Só?

CAMILA- (Rindo) Claro que não. Alguns "namorados", e a-
gora, de um ano pra cá, uma relação que parece
um pouco mais consistente.

LUCAS - Que barato! E ele tá aí contigo?

CAMILA- Não. A gente resolveu se dar um tempo. Essa é a
razão porque eu voltei. Além, é claro, do dese-
jo de rever a terrinha, e as pessoas do meu co-
ração.

LUCAS - Mas o quê é que não tá dando certo?

CAMILA- (Irônica) Pequenas "dissidências ideológicas".

LUCAS - O quê?

CAMILA- Não, falando sério: ele se recusa a viver junto.
Esse papo de que "o casamento é uma instituição
falida". que se a gente morasse juntos, a rela-
ção ia dançar fatalmente...essas estórias...

LUCAS - Sei: modelito Sartre e Simone (Enfático) "Eu
sou eu, tu és tu". Numas juntar as escovas de
dente!

CAMILA- (Rindo) É isso aí. Resultado: eu tenho que ter
duas escovas de dente: uma na minha casa e ou-
tra na dele. Um desperdício, em plena era da re-
cessão econômica!(Riem)

LUCAS - Você tá brincando, mas aposto que isso te faz
sofrer.

CAMILA- É claro, não é Lucas? Você me conhece bem



até entendo o ponto de vista dele. Conviver é uma barra. Mas do outro jeito eu me sinto carente...

LUCAS - Carentes todos nós somos, de um jeito ou de outro. Me aponta uma pessoa, nem digo 100, mas 80% satisfeita com a sua relação.

CAMILA- (Ri) Touchê! Esta tu me ganhaste. Aliás, tu sempre tiveste a última palavra nas discussões.

LUCAS - Em compensação, 99% das palavras anteriores eram tuas. Lembra das discussões dos Comediantes da Província?

CENA III

CONFLITO NO GRUPO

PABLO - (Explodindo) Deu! Pra mim deu! E tou farto! entendeu? FARTO!!!

MAITÊ - Eu também não aguento mais essa estória!

PABLO - Eu não sei o que é que há com essa porra desse grupo! A gente passa 90% do ensaio discutindo, e não se resolve nada: o espetáculo tá uma merda e ainda por cima esse puta desgaste! Qualquer coisinha é pretexto pra discussão. Desde as "incompatibilidades ideológicas" até uma merdinha duma marcação! Pra se decidir em que momento o personagem pisca o olho, se leva no mínimo meia hora brigando porque cada um quer fazer valer a sua idéia custe o que custar! A gente chegou ao ridículo de pôr em votação as soluções de uma cena, porque (arremedando tom sério) em criação coletiva "tem que predominar o con-senso da maioria do grupo."

MAITÊ - O que me preocupa mais é que a gente tá a dias da estréia e a coisa não anda, os não rendem...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CAMILA- Pois é. Depois da gente ter feito trabalhos tão bons, e de sucesso. É uma responsabilidade muito grande, pra com o público. Tá todo o mundo esperando que esse espetáculo seja melhor ainda que os anteriores.

PABLO - Coitados! Vão ter uma bela surpresa!

CAMILA- Puxa, gente, com toda essa ditadura, essa repressão em cima da nossa cabeça, nós somos praticamente o único grupo da cidade que tem conseguido manter um trabalho contínuo, e com uma proposta política bem evidente ainda por cima! A gente não pode deixar a coisa desandar assim.

PABLO - E eu fico puto porque quando todo o bando tá reunido, ninguém fala nada. Depois que os outros saem, ficamos nós os quatro discutindo esses problemas que tinham que ser colocados na roda pra todo mundo.

CAMILA- É natural, nós moramos juntos, os quatro.

PABLO - É natural mas não justifica.

CAMILA- Claro que não. Mas a gente se diz muito pouco as coisas quando elas são difíceis.

PABLO - Mas então, que merda de grupo é esse, que se propõe a ser revolucionário e as pessoas não têm coragem de falar nos grilos que surgem? E todas os nossos maravilhosos ideais de fazer o "teatro do futuro", "o teatro fazendo parte da vida (em tom enfático) Rejeitamos o autoritarismo do diretor pra transar criação coletiva. Subverte a relação palco-platéia misturando os atores e os espectadores no mesmo espaço, e fazendo o público participar ativamente do espetáculo; rompemos com a rigidez do texto dramático partindo pra improvisação...Eu me lembro como se fosse hoje do dia em que a gente resolveu viver em comunidade, como um primeiro passo. E pra quê tudo isso? Pra terminar nessa mesquinha de pessoas?



CAMILA- Calma, Pablo. A gente tem que manter a cabeça fria...

MAITÉ - É meio difícil manter a cabeça fria nesse clima de baixo-astral. E concordo com o Pablo.

CAMILA- Eu também concordo. E o Lucas também, não é, Lucas?

LUCAS - (Que se mantivera calado e de olhos baixos todo o tempo) Claro...

MAITÉ - Mas por quê isso? Eu não entendo. Deu tudo certo até agora, e, repente a coisa não funciona mais?

CAMILA- Eu não sei...eu andei pensando sobre isso, e cheguei a algumas conclusões. Em primeiro lugar, até agora a gente tem transado criação coletiva em cima de roteiros que a gente mesmo criava a partir de nós mesmos. Era mais a gente se expondo em cena. E agora, nós mesmos resolvemos aplicar o método a um texto, com uma estrutura sólida, com psicologia de personagens e tudo mais. Ainda mais um texto completo como esse do Tchekovsky. O resultado é que a gente tem que baixar a cabeça e se convencer que a criação coletiva não funciona pra esse tipo de trabalho. Tem que ter uma Direção, uma coordenação geral, um olho de fora. Tem que trabalhar ator, o que acontece é que nós somos oito diretores resolvendo as questões de direção, e não fazendo nada em termos de interpretação...

PABLO - Aliás, sobre esse probleminha, eu queria dizer uma coisa...

CAMILA- Eu sei o que tu vai dizer. Se o nível de interpretação tá baixo, não é só porque a gente tem se preocupado com as soluções cênicas e deixado de lado o trabalho de ator. O problema é que a gente resolveu dar os papéis principais, mais peso, pros atores mais fracos do grupo.



mesmo é que a coisa nunca vai funcionar. Foi uma atitude paternalista. Bem assim: "coitadinhos : nunca tiveram um papel bom: vamos dar uma oportunidade pra eles. Tá legal, pode ser uma atitude muito democrática, muito fraternal, mas nessas o trabalho vai pr'as cucuias! E afinal de contas o que a gente quer mesmo é fazer teatro, e bom teatro!

MAITÊ - Mas tu foi uma que concordou com essa proposta de dar os melhores papéis pro pessoal mais fraco!

CAMILA- Concordei e até dei muita força. Eu não tou tirando o corpo fora! Mas nós temos que reconhecer que a coisa não funcionou e mudar de estratégia, buscar outras soluções.

MAITÊ - Mas que soluções?

CAMILA- Não sei, tem que pensar, tem que discutir...

PABLO - Discutir! Eu já não agüento mais ouvir essa palavra!

CAMILA- Mas vai ter que ouvir, meu querido. Muitas e muitas vezes ainda. Bom, e já que a gente tá botando todos os grilos na roda, eu tenho mais uma coisa pra colocar...

LUCAS - Camila...

CAMILA- Não adianta pôr panos quentes, Lucas! Ou a gente dá uma virada nessa estória, ou não adianta continuar.

PABLO - Qual é o outro problema, Camila?

CAMILA- É a produção.

MAITÊ - Eu sabia...

CAMILA- Pois é isso mesmo. A produção era pra ser dividida entre todos, não é? Criação coletiva, produção coletiva. Cada um com a sua tarefa...

MAITÊ - Eu sei porque que tu tá colocando isso. É que hoje eu não fui na censura levar o



contece que a minha mãe chegou aqui bem na hora que eu ia sair e me deixou tão atarantada com os problemas dela, que eu não consegui...

CAMILA- Não é contra ti em especial, Maitê. Eu tou reclamando de todo o mundo. Olha, vocês me desculpem, mas eu vou ser clara e direta: eu tou cansada de carregar a produção nas costas! E isso não é de agora. É desde que a gente começou a trabalhar junto. Desde a escola!

MAITÊ - Mas é que a gente não tem o teu pique e teu ritmo criatura! Não é má vontade, mas ninguém aqui, a não ser o Lucas, tem essa capacidade cavalares de trabalho que tu tem!

CAMILA- Mas sem trabalhar como um cavalo, não sai teatro nessa terra, Maitê! Tu sabe muito bem.

PABLO - Tá legal. Os problemas tão na roda. Quem sabe a gente começa a "cogitar" nas soluções? (Silêncio constrangido)

CAMILA- Bom, eu acho que a primeira coisa a fazer é desistir da criação coletiva. E entregar a direção pra alguém.

PABLO - É prá quem?

CAMILA- Eu acho que só pode ser o Lucas.

PABLO - Como só pode? Tá certo que ele é muito mais diretor, que ele sempre foi o líder artístico do nosso grupo. Mas isso não quer dizer que deve ser eternamente ele o diretor.

LUCAS - Não gente, eu acho que...

CAMILA- (INTERROMPENDO) mas tu acha que tem alguma pessoa além dele no grupo que possa dirigir?

MAITÊ - Camila, deixa o Lucas falar, pára de ser mãezinha dele, porra! Fala Lucas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LUCAS - Eu não sei, eu acho que não é só isso aí, tem outras coisas no meio...

PABLO - QUE coisas?

LUCAS - Não sei, eu... eu tou cansado, eu queria ir dormir. Será que a gente não podia deixar pra amanhã essa discussão?

PABLO - Não senhor! não vai tirar o cu da estaca como tu sempre faz quando as coisas ficam pretas.

CAMILA- Eu sei o que ele quer dizer e não tem coragem. Ele quer dizer que tá se criando uma dependência neurótica entre nós. Mesmo como todo esse papo de coletividade, igualdade, democracia e o diabo a quatro, tem um fato inegável entre nós, que continua.

PABLO - Tem sim. Tu tem toda a razão. Tu e o Lucas continuam a dominar o grupo. Vocês não podem admitir que não sejam vocês só a tomar decisões. Isso, no meu dicionário, se chama onipotência. O teu psicanalista nunca te disse isso não?

CAMILA- (Irritada) Tu tem toda a razão. Nós continuamos a ser os líderes de um grupo que rejeitou a figura do líder. Mas não é só pela nossa onipotência, não. Só é 50%. Os outros 50%, são por causa da atitude de vocês, que sabem que, se não fizerem as coisas, tem aqui eu e o Lucas pra garantir. Nós tínhamos combinado nessas férias, ler bastante teatro pra trazer sugestões pra próxima montagem, vocês lembram? E só quem trouxe foi o Lucas. E quando aquela cena do nosso último espetáculo tinha que ser bolado logo, pra dar tempo de mandar pra censura...

MAITÊ - Todos nós sabemos muito bem: as improvisações não funcionaram, todo mundo se dispersou e o Lucas sentou num canto e em dez minutos tava pronto o texto.



- CAMILA- Pois então! (Sincera.) Gente, eu vou ser franca com vocês: nós tamos vivendo uma relação de com petição, de inveja. É isso o que tá acontecendo. Não é por nada que a gente fica três horas dis cutindo uma marcação: cada um quer prevalecer so bre o outro. Tá ligada a essa transa de eu e o Lucas sermos os pais do grupo: vocês acham que a gente é autoritário, mas vocês se colocam numa atitude de dependência, de filhinhos em rela ção a nós!
- PABLO - Pronto! Baixou o Freud nela de novo!
- MAITÉ - Bom, o negócio é o seguinte, Freud ou não Freud. Nós temos que dar um jeito nessa estória.
- PABLO - E o jeito é o senhor diretor artístico do grupo assumir o espetáculo, (Essa fala é dita a Camila.)
- CAMILA- Pablo, tu não precisa me agredir. Eu sei que tu tás pensando que eu quero que o meu marido volte a ser o diretor único e insubstituível do Grupo. Mas não é nada disso! Acontece que no mo mento ele é a única pessoa do grupo que tem con dições. Nenhum de nós sabe dirigir. Acho maravi lhoso ter mais de um diretor no grupo. Daria pra se fazer um trabalho muito mais diversifica do mais rico. Mas nós temos que ser realistas. Eu sei, Pablo, que tu tem uns projetos de espetá táculos...e que tu gostaria de dirigir...
- PABLO - (Na defensiva) Não, eu nunca falei em dirigir. Eu disse assim que, se eu tivesse o assessoramento do grupo, eu me animaria a...
- CAMILA- Tá legal, eu acho essa idéia ótima. Mas não pra agora, a dez dias da estréia. Nós não podemos nos dar ao luxo de experiências. Agora nós precisamos de uma mão firme de diretor experimenta do...



MAITÉ - Que só pode ser o Lucas...

CAMILA- (Interpretando mal a frase de Maitê.) Gente não é isso! Maitê, tu acredita que é só porque o Lucas é meu marido que eu quero que ele dirija? Eu não sou tão louca assim, porra!

MAITÉ - Não é pra mim que tu tem que dizer isso! Eu sempre fui a primeira a dar força pras loucuras do Lucas, quando ele vinha propor as idéias de trabalho dele. Eu confio nele de olhos fechados porque eu sei que ele é um artista. E tu é a última pessoa que pode me jogar isso na cara, Camila, porque mais de uma vez tu mesma veio me confidenciar toda nervosa que tu achava que o Lucas tava indo longe demais, que era muita loucura... E eu sempre defendi ele. (Lucas, que até então se mantivera quase todo o tempo cabishaixo, levanta bruscamente a cabeça e olha durante pra Camila.) (Pausa tensa. Em tom baixo, Maitê se dirige a Pablo) Tem mais uma coisa que eu queria dizer... Pablo, é difícil pra caralho eu falar isso, porque a gente tá transando numa triboa e eu te amo demais, não queria te magoar... mas eu acho que tu não tem condições de dirigir...

PABLO - (Levanta-se lentamente. Há um surdo rancor no que diz.) Enquanto esses dois tiverem mandando no grupo, nenhum de nós vai poder ir muito longe. Vamos ser sempre os cordeirinhos obedientes. E eu não sei se vou agüentar isso por muito mais tempo. (sai)

LUCAS - (Após um silêncio pesado, Lucas se levanta lentamente e se encaminha para a porta. No meio do caminho se vira. Seu rosto exprime a sensação de estar profundamente machucado, prestes a chorar.) O que me dói mais em tudo isso, é que, apesar de viver nesse cú de mundo, nessa província de país subdesenvolvido, apesar de todas essas barreiras de cen

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



sura , falta de dinheiro, de informação e de tradição cultural, a gente tava conseguindo fazer um teatro com as mesmas preocupações e as mesmas pesquisas da vanguarda dos países civilizados, onde existe um pouco mais de liberdade. E conseguindo a daptar pra nossa realidade. Isso prova que, mesmo emparedados pela repressão, a gente tã em sintonia com o mundo. E agora eu vejo a gente se enredando' nas nossa próprias teias ... (Sai rápido pra esconder o soluço que lhe brota na garganta. Ficam Maitê e Camila sem se olharem, sentadas há um metro de distância uma da outra. Parecem duas meninas frágeis e perdidas. De repente, como se fosse combinado, olham-se e, num impulso, apertam-se as mãos.)

CENA IV

OS FALADORES

LUCAS - Pessoal, a nossa turma do quarto semestre de interpretação vai apresentar o trabalho final do ano: uma cena de OS FALADORES, de Cervantes. A direção é minha, e no elenco estamos Camila, Pablo e eu.

Tenho senhor, uma mulher que é, ai de mim, a maior faladora do mundo. Fala tanto que muitas vezes já me decidi a matá-la. Lancei mão de vários meios, mas nenhum deu resultado. Agora me parece que se levas se o senhor à minha casa e falasse com ela seis dias sem parar, conseguiria calar-lhe a boca. Vou mentir que é meu primo, e hospedo-o em minha casa.

PABLO - Primo, disse? Oh, que bem disse isso o senhor! Primo e como chamamos ao filho do irmão do nosso pai. Primo também quer dizer primeiro e isso, é prima uma obra-prima. Prima é uma das cordas da guitarra,



a qual possui cinco cordas ao todo: mi-lá-ré-sol - si-mi. O mi agudo repete o mi grave. Grave é o problema de uma amiga minha, que resolveu dar ouvidos as serenetas de um conhecido conquistador, e agora já não consegue esconder a barriga, nem com as saias mais bufantes...

LUCAS - Pare, pare, por favor, venha à minha casa e lá continuará.

ROLDÃO- O que manda?

SARMENTO- Tenho, senhor, uma mulher que é, ai de mim, a maior faladora que se viu desde que houve mulheres no mundo. Fala tanto que muitas vezes já me decidi a matá-la, como outros pelo que elas fazem, eu pelo que essa fala. Lancei mão de vários meios, mas nenhum deu resultado. Agora me parece que se levasse o senhor à minha casa e falasse com ela seis dias sem parar, conseguiria desanimá-la. Peço-lhe que venha comigo. Fingirei que é meu primo e assim o conservarei lá em casa.

ROLDÃO- Primo disse? Oh, que bem disse isso o senhor!Primo é como chamamos ao filho do irmão de nosso pai.Primo também quer dizer primeiro e por isso é prima uma obra-prima. Prima é uma das cordas da guitarra, a qual possui cinco ordens. As ordens mendicantes, no entanto, são quatro, e quatro são os que não chegam a cinco. Com cinco estava obrigado a lutar antigamente quem desafiava todo um grupo, como se viu no caso de dom Diego Ordoñez e os filhos de Árias Gonzalo, quando o rei dom Sancho...

SARMENTO- Pare, pare por favor, e venha comigo. Lá continuará.

Olha o cavalheiro que vem comigo, um parente, meu convidado. Trata muito bem este soldado porque ele pretende ir para a corte.



BEATRIZ-Se vai mesmo para a côrte, esteja ciente de que a côrte não é para pessoas tão acanhadas. O acanhamento vem de bobice, e o bôbo é quase um desprotegido e o merece; porque a inteligência é a luz de tôdas as ações humanas, e tôda a ação consiste ...

ROLDÃO-Calma, calma, lhe imploro, pois bem sei que a inteligência consiste numa disposição da natureza, e que a inteligência opera pelos instrumentos corporais e usando os sentidos. Os sentidos são cinco: andar, tocar, correr, pensar e não perturbar. Todo aquêle que perturba os outros é um ignorante, e a ignorância consiste em não se dar conta das coisas. Mas aquêle que não se dá conta porém se apercebe em seguida, felizes páscoas obtém de Deus. Quatro são as páscoas: Natal, Reis, Flôres e Pentecostes. Pentecostes é um vocábulo que é uma beleza ...

BEATRIZ-Como, uma beleza? O que sabe das coisas belas? Tôda a coisa bela é extraordinária porque o ordinário não causa admiração. A admiração nasce das coisas elevadas e o mais elevado do mundo é o sossego, porque ninguém o alcança. A mais baixa é a malícia; todos caem nela. E é forçoso, pois há três estados em tôdas as coisas: o princípio, o desenvolvimento e o declínio.

ROLDÃO-Declínio disse e disse muito bem. Os substantivos se declinam, os verbos se conjugam; tal como os que se casam, que passam a ser cônjuges. Os casados estão obrigados a se querer, amar e estimar, como manda a Santa Madre Igreja. A razão disso é que

BEATRIZ-Devagar, devagar. O que é isso, marido, estás em ti? quem é êste home que trouxeste pra minha casa?

SARMENTO-Deus, que prazer ter achado um meio de me desforrar! Ponham logo a mesa e vamos comer. O senhor Roldão será meu hóspede seis ou sete anos.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



BEATRIZ-Sete anos? Que horror seria! Nem uma hora, senão estouro, marido.

SARMENTO- Ora, êle dá muito melhor para seu hóspede que meu. Olá! sirvam a comida.

INÊS - Temos visitas? Já estou servindo.

ROLDÃO- Quem é esta senhora?

SARMENTO- A criada da casa.

ROLDÃO- Uma criada; em Valência se chama "fadrina"; na Itália, "máscara"; na França "gaspírria"; na Alemanha, "filimóquia"; na côrte, "servente"; em Biscaia, "moscorra", e, entre malandros, "daifa". Venha alegremente a refeição, que quero que vossas mercês me vejam comer à moda da Grã-Bretanha.

BEATRIZ-Nada me resta a fazer senão perder o juízo, marido, porque estou rebentando para falar.

ROLDÃO- Falar disse? Disse muito bem. É falando que se entendem as frases, porque é a inteligência que forma as frases. Quem não entende, não sente; quem não sente, não vive; quem não vive, está morto, e o morto já achou seu pôrto.

BEATRIZ-Marido, marido!

SARMENTO- Que deseja, mulher?

BEATRIZ-Expulse daque êste homem, com os diabos, que estou rebentando para falar.

SARMENTO- Tenha paciência, que antes de terminar os sete anos ele não pode sair daqui, pois dei minha palavra e estou obrigado a cumpri-la ou não serei quem sou.

BEATRIZ-Sete anos! Antes verei a morte, ai...ai...ai...

INÊS - Desmaiou. O senhor queria vê-la morta diante dos olhos. Ai está, morta.

ROLDÃO - Jesus! De onde lhe veio êste mal?

SARMENTO- De não falar.



CENA V

REENCONTRO DE MAITÉ E PABLO

(Quando se deparam, há um momento de hesitação. Depois, se abraçam fortemente)

- PABLO - Que bom te ver de novo, depois de tanto tempo. Tu tás tão mais tranquila, mais doce...
- MAITÉ - Mais mãe ... (Riem) Ainda não tá na hora do ensaio. Vamos sentar um puco aqui no saguão do edifício pra conversar.
- PABLO - Sabe, eu tou tri-buriçado pra voltar a trabalhar contigo e com nossos companheiros dos COMEDIANTES. E tu, o que é que achas da idéia do Lucas de reunir o pessoal do grupo novamente?
- MAITÉ - Acho maravilhosa. A gente ficou tão disperso todo esse tempo: o Lucas em S.Paulo, a Camila na Itália, eu, no interior. Vai ser um barato rever todo o mundo.
- PABLO - É. Só eu fiquei sozinho aqui, batendo com a cabeça na parede... trabalhando e fazendo teatro a noite, às vezes madrugada a dentro voltando pra casa em frangalhos e tendo que acordar cedo no dia seguinte pra trabalhar. Não sei até que ponto isso é amor pelo teatro ou masoquismo puro e simples. Eu só sei é que eu não consigo largar. Não agüento ficar seis meses sem fazer teatro.
- MAITÉ - Eu também. Quando o Daniel foi transferido pro interior, eu me apavorei com a idéia de ter que deixar o teatro. Mas tive sorte; fui convidado pra dirigir um clube de arte dramática numa escola. Durante esses quatro anos que nós ficamos lá, eu fiz um trabalho com a meninada, que teve resultados incriveis. Através de improvisações, eles mesmos criavam os espetáculos, falando das coisas deles, dos



seus problemas em casa, na escola... E a coisa saía muito espontânea, muito verdadeira. A minha única frustração era não poder trabalhar como atriz. Tu sabe, depois que a gente pisa num palco, pega um vírus que nenhum antibiótico consegue destruir. Quando o Lucas nos fez a proposta, eu não pensei nem um segundo. Topei logo. Tou louquinha (enfática) "pra brilhar de novo sob a luz dos refletores". Eu tou precisando disso, agora mais do que nunca. (Pausa) Eu tou passando por um momento difícil.

PABLO - O que que tá havendo contigo? Me conta... isto é, se tu quiser.

MAITÉ - A minha relação com o Daniel tá meio tremida.

LUCAS - Vocês tão pensando em...

MAITÉ - Separação? Não. Acho que nós não vamos nos separar nunca. Não sei porque digo isso tão categoricamente. Mas eu sinto assim. O que não impede que a gente esteja passando por uma crise...

PABLO - Crise, crise, crise querida! Todo o mundo tá em crise. O planeta tá em crise. Eu tenho certeza de vocês vão superar essa de agora

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAITÉ - Vamos ver...

PABLO - Mas agora me fala de Chiris. Deve tá uma garotona "lindaça" como dizem na minha terra. Tu não tem nenhuma foto dela aí?

MAITÉ - Não sei...acho que não. Deixa eu dar uma procurada na bolsa.

PABLO - Deve ter, sim. Se eu bem te conheço... (Maitê tira da bolsa uma tira comprida de fotos.) Coruja! Escondendo o jogo! Um álbum inteiro de fotos coloridas da Cambial! Passa pra cá. (olha detidamente algumas fotos. Quando fala, sua voz está um pouco alterada.) Maitê, que linda que ela tá!

MAITÉ - Não é? (Tira um cigarro) Tem fogo?

PABLO - Fogo? Parei de fumar há mais de um ano, minha que



rida. Em compensação, troquei o tabagismo pelo hábito de roer as unhas.

MAITÉ - Tá legal. Então, fica roendo aí, que eu vou pedir fogo pro porteiro. Quanto Maitê volta, Pablo está olhando fixamente uma foto. Ela o observa com um sorriso levemente irônico. (Ele nota a sua presença).

PABLO - Como ela é fofa, Maitê! Que vontade de dar uns a pertões nela!

MAITÉ - (Irônica) Não disfarça. Tua tava era tentando descobrir se ela é parecida contigo ou com os outros caras que eu transei naquela época. Acertei?

PABLO - (Constrangido) Sim.

MAITÉ - Não esquentá. Ela não é nada parecida contigo. (Pausa. Com uma ponta de cinismo) Nem com nenhum dos outros.

PABLO - (Visivelmente atingido) Por favor, Maitê!

MAITÉ - Desculpe.

PABLO - Ela pensa que é filha do Daniel?

MAITÉ - Pensa

PABLO - E quando ela crescer, tu vais contar a verdade?

MAITÉ - Vou. Pode ser que ela fique puta comigo ou com seus prováveis pais. E eu acho que ela tem esse direito. Mesmo não tendo pedido para nascer, mesmo sendo fruto da nossa imaturidade, ela tem que encarar a realidade.

PABLO - Eu só desejo que ela sofra o menos possível.

CENA IV

RE-ENCONTRO DE LUCAS E CAMILA

CAMILA - Bom, eu já falei demais. Agora é a tua vez. Eu quero saber tudinho de ti te "pôr em dia" dentro de mim.

LUCAS - Bom, eu... depois, que a gente destransou, foste para Itália, tu sabe, os COMEDIANTES de VÍNCIA já tava praticamente dissolvido.



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Eu ainda tentei agitar teatro por aqui com a Mai
tê e o Pablo, mas não deu muito certo. O relacio
namento dos dois tava ruço...

CAMILA - É, eu fiquei sabendo...

LUCAS - A minha barra tava muito pesada também. Tava pre
cisando de uma mudança geral. Aí, eu resolvi ten
tar São Paulo.

CAMILA - Que barato!

LUCAS - Quebrei a cara, como todo o mundo, mas deu pra fa
zer uns trabalhos bons também. Assim eu fiquei es
se tempo. Entre S.Paulo e rio... entre teatro e
 televisão... uma hora mais pro comercial, outra ho
ra mais pro experimental... conforme ida dando ...
 bem é isso: hoje eu sou um "diretor profissional"
 (riem), o que não significa muito no Brasil! Mas
 enfim... deu para segurar. Lá, pelo menos, a gen
te existe enquanto artista...

CAMILA - É. Não é como aqui...

LUCAS - ... mas a batalha é duríssima. Por isso que...sei
 lá, lá pelas tantas vai batendo um cansaço... aí
 pintou esse convite da universidade... e eu resol
vi voltar pra ver qual é que era...

CAMILA - E qual é que é?

LUCAS - (Rindo) Calma, não deu pra ver ainda... O traba
lho na Universidade por enquanto tá na fase de pla
nejamento, o que é legal, porque a gente pode "so
nhar" mais ou menos à vontade... Mas já viu que
 eu não tenho maiores ilusões Mestrado de teatro no
 Brasil... e na província!

CAMILA - É meio surrealista, né? (Riem)

LUCAS - É burocrático demais pro meu gosto. Mas eu tenho
 também algumas horas de seminário prático com o
 pessoal da graduação. E esse contato com a menina
da é uma coisa muito boa...

Pois imagina que até já pintou... (Pausa. Sacode a
 cabeça e ri)

CAMILA - O que? Fala! Eu quero saber!



LUCAS - Pois pintou um envolvimento com uma menina - es
tudante de arquitetura - que tá fazendo o seminá
rio como opcional - uma garota de 20 anos:Pode?

CAMILA - (Rindo) Que barato! Por que é que não? Eu se ti
vesse 20 anos, me apaixonava certo por um profes
sor charmoso assim!

LUCAS - Não goza da minha cara, Camila!

CAMILA - Não, tou brincando. Eu acho incrível!

LUCAS - Eu também! Todo esse tempo, desde que a gente des
transou, eu andei meio que pulando de galho em ga
lho, sem me comprometer muito nas relações. Até
já andava meio "solteirão" nos últimos tempos. E
de repente... BRRRR!!! uma puta sacudida assim!

CAMILA - Quer dizer que a menina te balançou mesmo!

LUCAS - Mesmo! A Aninha tem uma cabeça incrível, sabe? É
muito cedo ainda pra antecipar as coisas, a gente
mal começou a transar, mas eu pressinto... não.eu
sinto diferente, sabe como é que é? É meio con
traditório porque tá pintando como um afeto muito
tranquilo, sem deixar de ter aquela coisa assim
de "paixão adolescente"... Mas o mais desconcertan
te são uns desejos totalmente novos pra mim...

CAMILA - Tipo...

LUCAS - Tipo assim, vontade de casar, de ter uma família
... Eu fico de cara, porque há uns anos atrás, is
so prá mim era sinônimo de acomodação, de aburgue
samento... E agora eu não sinto assim, saca, como
uma coisa de se sentar pra trás... muito pelo con
trário, entende?

CAMILA - Entendo. E te invejo

LUCAS - Não sei, também . Pode ser que não dê em nada...

CAMILA - Vai dar sim, Lucas, vai dar, eu tenho certeza. Não
interessa se for com a Aninha ou não. O que inte
ressa é que tu tás enxergando outras coisas, no
vas prá ti. Não quer dizer que elas sejam
pra todo mundo, tu não tás pregando nada.
sei, de repente eu não sinto mais em ti



ranço de "jovem rebelde", criticando todas as instituições... Até a tua voz soa mais doce...

LUCAS - (Com afeto) Sabe, uma das coisas que eu sempre a mei em ti, é essa tua capacidade de me fazer ver claro, quando eu me enrolo todo comigo mesmo. É um barato, Camila, redescobrir que eu posso contar contigo.

AMBOS - Cantam: ANY TIME AT ALL

Any time at all
All you've gotta do is call
And I'll be there
If the sun has faded away
I'll try to make it shine
There's nothing I won't do
If you need a shoulder to cry on
I hope it will be mine
Call me any time
And I'll come to you

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA VII

RE-ENCONTRO DE PABLO E MAITÉ

PABLO - Maitê eu quero te fazer uma pergunta? Como é que ficou a transa dos exames que tu querias fazer pra identificar que é o pai. Tu me deste alguns toques uns meses atrás pelo telefone, e depois não falou mais no assunto.

MAITÉ - Bom, eu falei com os outros caras, eles toparam, todos. Mas de repente eu comecei a pensar assim: "olha, não é nada disso, não tem nada a ver, mesmo!" A opção de ter o filho foi minha. Eu escondi a gravidez até que o aborto se tornasse impossível. Vocês, os hipotéticos-possíveis-prováveis pais da criança, só ficaram sabendo bem mais tarde. Eu não dei escolha pra vocês. Até hoje, eu não consigo explicar direito por quê que eu sou assim. Pra preencher um vazio que eu sentia



por dentro? Pra te recuperar naquele momento em que a nossa relação estava quase desfeita? Trauma do primeiro aborto que eu fiz? Sei lá. Aquele a borto me marcou fundo mesmo. Talvez eu não quisesse tirar o filho só pra não passar por aquela si tuação de anos atrás...

PABLO - A gente não tinha estrutura pra ter um filho, eu não tinha condições. Não podia me imaginar dando mamadeira, limpando o cocô. No fim nós íamos ter minar abandonando a cria com os avôs, como tanto filho de magro que a gente conhece!

MAITÉ - Eu sei. Eu não quero dizer que me arrependi do aborto. O que eu sei é que o aborto, os anticoncepcionais, o DIU etc... são, na realidade, uma vio lência contra o corpo da mulher.

PABLO - Pro homem também é super difícil, apesar da coisa não acontecer no corpo da gente... Não ia dar cer to não ter aquela cria. Eu ia detestar ela. A nossa relação ia dançar...

MAITÉ - Igual, a relação dançou, não foi?

CENA VIII

O ABORTO

A - Mas afinal, por quê você não me disse que estava grávida?

B - Eu tentei, porra.

A - Acontece que você não tinha o direito de fazer es se maldito aborto sem me consultar antes. Afinal das contas, cinquenta por cento da cria era mi nha, não era?

B - Mas eu já disse que tentei te dizer, porra.

A - Tentou... tentou como? Aquela vez que você me dis se que estava grávida menos de um dia depois que a gente tinha trepado?

B - Você não acreditou...

A - Mas eu podia acreditar? Menos de um dia, porra.



- toca. É completamente impossível alguém saber tão rápido. É humanamente impossível qualquer pessoa saber. Nem que fosse médium...
- B - Não fica agressivo comigo, merda.
- A - Agressivo? Ah, meu bem, nem que você tivesse su perpoderes... Nem que fosse a mulher biônica...
- B - (dramática) - Uma mulher sempre sabe.
- A - Sabe porra nenhuma. Não me venha com esses super poderes feminóides.
- B - (mais forte) - Sabe na hora, cara. Sabe sempre. Sa be o tempo todo. No minuto exato em que você põe o peru lá dentro, tã sabendo? Na hora de baixar a calcinha. No segundo em que eu botei o olho em você, cara.
- A - Não força.
- B - Como não força? E já que estamos falando disso, res ponde a esta pergunta: por que é que você sempre faz amor de olhos fechados?
- A - Você quer saber? Você quer saber mesmo?
- B - Quero saber tudo. Por que é que você faz amor de olhos fechados?
- A - Porque é o único jeito de imaginar que estou tre pando com um homem.
- (pausa)
- B - (acendendo um cigarro, lentissimamente) - E... is so te dói?
- A - Absolutamente. Eu acho que:

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA IX
ENCONTRO DE PABLO E MAITÉ

- MAITÉ - Esse aborto balançou a nossa transa e isso me aba lou muito também. A nossa relação já não era mu ito forte naquela época, e eu tinha um medo louco de te perder. Talvez fosse essa também uma da



ções que me fizeram desistir desse filho. Eu pensava que tu ias ficar puto comigo, que ias terminar me largando. Sei lá, a minha cabeça tava numa confusão incrível. Mas o tiro saiu pela culatra. Desde aquele aborto a nossa relação foi degringolando cada vez mais rápido, até que... não restou mais nada.

PABLO - E este segundo filho tu resolveste ter na tentativa de me recuperar?

MAITÉ - Pode ser. Inconscientemente, talvez. Não foi uma coisa calculista, planejada. Acho que havia uma coisa sadia no meio de tudo isso: o desejo legítimo de uma mulher de ser mãe. Eu sempre quis ter um filho, sempre tive vocação para a maternidade. Por isso resolvi assumir. Foi uma barra, mas eu achei que valia a pena botar no mundo uma criança que tivesse a tua cabeça.

PABLO - Quer dizer que no fundo tu acha que o filho é meu?

MAITÉ - Acho que sim. Acho, não: tenho certeza.

PABLO - Mas baseada em que, Maitê?

MAITÉ - Em nada. Ou talvez... (irônica) na intuição feminina... Em todo o caso, eu sei que te fiz sofrer muito, te enchi de sentimentos de culpa. Mas apesar de ter esperança, eu nunca te pressionei. A responsabilidade era totalmente minha.

PABLO - Mas agora isso são coisas do passado. Acho que não temos mais nada a cobrar um do outro. Nós dois refizemos a nossa vida. Tu tás casada, podes ter outros filhos em condições melhores.

MAITÉ - E tu, como é que vai esse coração? A gente ficou todo o tempo falando de mim, e agora é tua vez de contar as novidades.

PABLO - A grande novidade é que pela primeira vez eu tou tendo uma relação forte, estável, tranquila. (*) Já faz dois anos que eu tenho um companheiro, o drê, que faz Free Lancer para a agência de publicidade onde eu trabalho. Foi lá que a gente

(*) A partir daqui segue a cena XIV da pag. 27, retomando novamente ao término desta.



nheceu. É muito difícil a gente cultivar uma relação homossexual numa sociedade como a nossa. Mas a gente tá batalhando a fú, nenhum dos dois é mais criança e com a ajuda dos nossos analistas...

MAITÉ - O que?!!! Os dois se analisam?

PABLO - Tem que ser, n'ê! Numa sociedade onde os homossexuais são discriminados, marginalizados, a gente acaba introjetando a repressão. Acho que é por isso que essas relações nunca duram muito tempo. Mas o André e eu tamos apreendendo aos pouquinhos e levando fê. E se agente conservar e enriquecer sempre mais a nossa relação, vamos tar contribuindo para um futuro - que talvez a gente nem veja - onde ao lado de outras liberdades, vai existir a liberdade de amor.

MAITÉ - Que bom, Pablo. Eu fico muito feliz, e com vontade de de conhecer o André.

PABLO - Pois eu pensei em convidar o pessoal do grupo pra um jantarzinho lá em casa.

MAITÉ - Pode crer. Escuta já são dez para às seis. Vamos subindo.

PABLO - (QUE MANTINHA A FOTO DE CRIS TODO O TEMPO) É minha essa fotografia? (MAITÉ FAZ SINAL QUE NÃO) Mas que carinha! Então nesse caso, tu vais me prometer que arranja outra prá mim. (ELA FAZ QUE SIM. ELE PEGA A MÃO DELA) Então vamos lá, eu tou que não me aguento mais de expectativa.

MAITÉ - Vamos!

CENA X
REENCONTRO DO GRUPO

TODOS - You say Yes
I say No
You say come
I say go.go.go
Oh, no



You say good bye, and
I say hello

Refrão: Hello, hello
I dont know why hou say god by, I say hello
I say high
You say now
You say why
And I say I don't know.

(REPETE O REFRÃO)

CENA XI
LAR, DOCE LAR

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- LUCAS - 1.^a Cena do espetáculo. Lar, Doce Lar
Madame e Monsieur Boulingrin, um vosso criado. (Cumprimenta-os)
- M. BOULINGRIN - Olá! Bom dia M. Des Rilletes! (Espalhafatosamente. Abraça-o a ponto de sufocá-lo).
- MADAME BOULINGRIN - Sentimo-nos honrados com a sua presença. (Abraça-o pelo pescoço como se fosse estrangulá-lo).
- BOUL - O Sr. Não poderia ter vindo num momento mais propício.
- D.R. - Ora, ora...
(sorrisos artificiais, exagerados)
- MADAME - (Romântica) Como o primeiro raio de sol após a tempestade.
- D.R. - Eu... fico contente...
- MADAME - (subitamente interessada) Me diga uma coisa, M.D.R.
- D.R. - Madame?
- BOUL - (Puxando-o por um braço) Faz favor, eu primeiro!
- MADAME - (Puxando-o pelo outro braço). Não! Eu!
- BOUL - Não!
- MADAME - (Sorridente e afável) Não ligue pra ele, M.D.R.
Meu marido só sabe dizer besteira.



- BOUL - (na mesma entonação) Besteira!
- MADAME - (Igualmente sorridente: MESMA ENTONAÇÃO) Sim. (Mí-
nima pausa) Besteira.
- BOUL - Tu vai vê daque há pouco se eu não vou te ensinar
a sê bem-educada com umas boas porradas! Megera!
- MADAME - (Alta) PENTELHO!
- D.R. - Queiram perdoar, M. e Mme. Boulingrin, porém eu
vejo que os senhores têm assuntos particulares a
discutir, e eu não desejo em hipótese alguma impor-
tuná-los.
- BOUL - (Afabilíssimo) Mas absolutamente!
- MADAME - (Idem) Jamais! (Em francês)
- BOUL - Muito pelo contrário.
- D.R. - Pois é, mas...
- BOUL - O senhor fica. Está decidido (Oferece-lhe uma ca-
deira) Sente-se.
- MADAME - (Também oferecendo uma cadeira) Isto mesmo, sente-
se.
- D.R. - Obrigado
- BOUL - Não aquela: esta!
- D.R. - Muiíssimo obrigado.
- MADAME - Não. Aquela não. Esta.
- BOUL - Não.
- MADAME - Sim
- BOUL - Não
- MADAME - Sim
- BOUL - (A Madame) Afinal, você vai ou não vai deixar o
cavalheiro em paz de uma vez?
- BOUL - O que foi que você disse?
- MADAME - (Impávida) PENTELHO!
- BOUL - Foi isso mesmo o que você disse? Pentelho?
- MADAME - (Ainda impávida) Foi isso mesmo o que eu
Pentelho!
- (DURANTE ESSE DIÁLOGO DOS DOIS, CADA UM MANTÉM D
- BRAÇO)



- BOUL - (Calma artificial) Pentelho. É. Muito bem. Pente
Iho.
- MADAME - (Ainda impávida sorri) Pentelho. (Pequena pausa.
Os 3 se entre olham)
- D.R. - (Num metafísico sorriso amarelo e constrangido.
Baixo) Pentelho...
- BOUL - (Recuperando a agressividade, explosivamente) Sua
filha da puta! Você está importunando o cavalhei
ro. Larga ele, porra!
- MADAME - Larga você!
- BOUL - Não! você!
- MADAME - NÃO! (D.R. é puxado pelos dois.)
- D.R. - (Exclamação de dor.)
- MADAME - Tãs vendo? Tãs maxucando ele!
- D.R. - Por favor, eu me sinto extremamente constrangido
- MADAME - (Surpresa e afável) Mas por quê?
- BOUL - (Idem) Não há nenhuma razão para isto.
- BOUL e MADAME - Sente-se
- MADAME - (Que conseguiu trazer primeiro uma cadeira por
trás de D.R.) Aqui!
- BOUL - Não nessa cadeira, eu já disse! (Retira a cadeira
e D.R. cai sentado.
- MADAME - (Triunfante) Vistes? (Durante a próxima fala, Mada
me repete calma, obstinada e exasperadamente: Im
becil! etc.
- BOUL - (Furioso) Vê só o que você fez! Obriga o cavalhei
ro a sentar numa cadeira que ele não queria! Im
becil?...Imbecil é você! Esta mulher é um monstro,
meu Deus! Que pecado terei feito eu para ser tão
castigado? (As duas últimas frases em tom melodra
mático).

CENA XII

CONFLITO ENTRE MAITÊ E DANIEL

- DANIEL - (Chegando) Maitê?



MAITÉ - (No meio de livros) Hã? Oi, Daniel.

DANIEL - (Excitado e alegre) Seguinte: vamos jantar fora essa noite.

MAITÉ - (Terminando de escrever uma frase) O que foi?

DANIEL - Tou te convidando pra jantar fora.

MAITÉ - (Olha o relógio) Puxá, já são 10 e meia!

DANIEL - E daí?

MAITÉ - Eu tenho ainda que terminar de preparar a aula de amanhã de manhã.

DANIEL - Ah, numa boa, esquece essa aula! Faz tanto tempo que a gente não sai juntos assim, só os dois.

MAITÉ - Tá, então te arruma aí enquanto eu dou um jeito em mim.

DANIEL - Vai ser legal porque nós temos que pôr um monte de assuntos em dia.

MAITÉ - Hã... que restaurante?

DANIEL - Tu escolhe.

MAITÉ - Tem que ser um que não demore pra servir, mas que não seja muito agito.

DANIEL - Então?

MAITÉ - Rhatskeller.

DANIEL - Rhatskeller. (Saem decididos)

MAITÉ - Ai, tu sempre na minha frente, que coisa chata!

DANIEL - É pra abrir a porta pra ti.

MAITÉ - Sabe que eu detesto essa estória de homem abrir a porta pra mulher?

DANIEL - É uma delicadez...

MAITÉ - Estória! É pra dizer assim pra todo o mundo: "o lha a mulher que eu tou".

DANIEL - Então tá. Esquece. Vamos juntos. (Onomatopaicando os passos) tchan - tchararam-tcham-tcharan!

MAITÉ - (Idem) Tchan- tchararam-tchan-tcharam!

Quem que abre a porta?



- AMBOS - Tu!
- DANIEL - Assim não dá. Vamos recomeçar
- AMBOS - Tchan-tchararan-tchan-tcharan!
- DANIEL - São 2 portas. Cada um abre uma (Ambos fazem mímica de abrir, imitando o som de porta rangendo. Riem)
- MAITÉ - A mesma mesa de sempre?
- DANIEL - A mesma. Se estiver vazia.
- MAITÉ - Tá(Sentam). Deixa ver...(olhando o menu)Carne ou peixe?
- AMBOS - (Ao mesmo tempo começam a dar várias sugestões)
Frango - pato - não, peixe - então camarão - ca
brito - mas tem que ter legumes - quem sabe c/ba-
tatas sautéés etc. (Riem)
- MAITÉ - Decidido: pato ensopado com legumes e purê de
ameixas.
- DANIEL - O.K. E pra beber?
- MAITÉ - Uma cervejinha bem gelada.
- DANIEL - E por que não vinho? Hoje é uma noite especial.
- MAITÉ - (Ironizando) Uma noite especial...porque faz tempo que a gente não janta.
- DANIEL - Juntos (Ambos riem) Garçon, o pago ensopado c/pu-
rê de ameixas...e um Schwartzkat.
- MAITÉ - Opa! Então sou eu que provo o vinho!
- DANIEL - Pode crer. (Riem. Daniel está excitado).
- MAITÉ - (Depois de uma pequena pausa) Bom, vamos direto
ao assunto: o que foi que aconteceu?
- DANIEL - Terminei com a Ana.
- MAITÉ - Olha!!! (Ri, Ironizando)Olha que galetinho não
é todo o dia que aparece. (Ri)
- DANIEL - Sem essa, Maitê.
- MAITÉ - (Ainda ironizando) Ainda mais pra um trinta... (Ri)
- DANIEL - (Sério) Eu pensei que tu fosse gostar da notícia.
(Silêncio)



MAITÉ - Mas vem cá: foste tu que brigaste com a Ana, ou a Ana que brigou contigo?

DANIEL - Nós dois resolvemos terminar.

MAITÉ - (Depois de um tempo) Quer dizer que resolveram ter minar? Que bom! Apesar de que deve ter sido xaro pe pra ti, não é? E também...tem mais uma coisa que tu esqueste...

DANIEL - O quê?

MAITÉ - Tu já brigaste com a Ana umas três vezes - pelo menos...

DANIEL - É, mas essa foi tipo definitivo

MAITÉ - (Fingindo espanto) Como é que tu sabe?

DANIEL - A gente conversou muito.

MAITÉ - O que é que vocês conversaram (Interrompendo-se) Se é que tu quer me contar, n'ê? Porque tu vive dizendo assim que eu quero saber até a cor das calcinhas da Ana. E eu, Deus me livre, nããõ que ro saber nada! Retiro a pergunta.

DANIEL - A gente pensou muito, falou bastante, e chegamos os dois a conclusão de que era melhor. Pra tu sa ber, eu acho que é isso que importa. E eu pensei que tu fosse ficar mais contente.

MAITÉ - (Afetando incompreensão) Eu... ficar mais conten te porque tu brigaste com a Ana? Uê, senhor...(Da niel está muito sério, Silêncio, Ironizando!) En tão tã: eu tou contente. Tou super contente por que agora sou eu "la Reina" (Rindo) "C'est la gloi re! C'est la gloire!"

DANIEL - Como tu é engraçadinha, Maitê!

MAITÉ - (Afetando espanto) Uê! Por que engraçadinha? É ver dade. Pois tu não é meu marido?

DANIEL - (Depois de um silêncio) E como é que vai a tua transa?

MAITÉ - Bom, isso não te interessa. Isso é papo meu... so eu não boto na roda...Eu não sou que nem

DANIEL - Tu queria pelo menos saber como é que tava... cês continuam transando, se tá legal...



MAITÉ - (Afetando indiferença) Ah, mais ou menos. Um dia brigamos, outro dia desbrigamos, aquelas coisas que tu sabe...

DANIEL - Que coisa mais inconsequente, Maitê!

MAITÉ - Uê, e daí? O problema é meu. A transa é minha, tu não tem nada que ver com isso.

DANIEL - Tu acha que não afeta a nossa relação?

MAITÉ - Ai, essa frase parece que eu já escutei alguma vez na minha vida... (Desaforada) Afeta a nossa relação, e daí?! Quem propôs essa estória de casamento aberto foste tu! Portanto, meu querido, não me vem com essa de me dizer "Eu terminei com a Ana" e eu tenho que dizer (afetando voz apaixonada:) "Amor, e eu vou terminar com o Catulo!"

DANIEL - Tu continua a mesma de sempre...

MAITÉ - Também essa frase eu conheço...Contínuo.E daí?

DANIEL - Sei lá, eu pensei que tu fosse investir mais na gente...

MAITÉ - (Devagar) Eis uma coisa que eu acho incrível nos homens...

DANIEL - Pãra, Maitê, esse papo não...

MAITÉ - É feminista, é. Eu sei que é a gente já falou milhões de vezes. Mas nem por isso eu vou deixar de falar de novo. (Retomando) Eis uma coisa que eu fico "de" cara: O homem propõe o tal de "casamento aberto". Nós, mulheres, nos apavoramos "não quero, eu adoro o meu homem, parará, parará"(Durante toda a fala Daniel tenta protestar). O homem arruma o galetinho...

DANIEL - Maitê!

DANIEL - Pãra! Pãra de me tocar que fico louca!(Retomando) Arruma o seu galetinho, transa com o galetinho, eu me despentelho toda... Por quê? Porque eu me sinto uma trintona e começo a imaginar a guria gostosa sinha de 19 anos...e já fico pensando: "por quê eu, com 19 anos não fiz a mesma coisa?" Eu era uma cabaçuda, tu tá sabendo muito bem



pririririr. fico desesperada, me mato. grito, berro, "Ai, ele deve me achar feia, bruxa, horrorosa, tá, tá, tá.. (Estaca) De repente... me dá o estalo (Saboreando as sílabas) Não sou tão feia... não sou tão bruxa, não sou tão horrorosa... Digo pras minhas alunas "eu não troco a minha idade pela de vocês" E elas dão risadinhas pelos cantos: "pobre da tia, tá louca!" Hoje eu compreendo...

DANIEL - (Explodindo) Ah, Maitê, sem essas estórias de tia! Que saco! Tia, um cacete!

MAITÉ - Tou pouco preocupada, meu filho (Pausa). Terminou com a Ana. Graças a Deus. Tenho certeza que ela deva 'tar paquerando outro...

DANIEL - Maitê!

MAITÉ - Macacos me mordam! Macacos me mordam se ela já não tinha arranjado outro e por isso vocês brigaram.

DANIEL - Tu fica fazendo estória em cima, Maitê! (Os dois falam ao mesmo tempo) É estória da tua cabeça!

MAITÉ - Nã-nã-nã-nã-nã-não! Deve ter um outro na parada. Deve ter.

DANIEL - Deve, sim. Claro que sim. Deve ser assim porque a Maitê acha que é assim e pronto!

MAITÉ - É. A Maitê acha que é. A Maitê acha que é. E tu sabe de uma coisa? A Maitê acha que é e é. Eu fico de cara!

MAITÉ:

Eu rezo: Meu Deus, meu Santo Antonio, eu não quero ser as sim. Eu quero ser boazinha, eu quero ser querida. Eu não quero pensar mal, eu não quero saber, mas (forte) eu mato sempre a charada! Sempre eu mato a charada.

DANIEL

Ah, Maitê, eu não aguento essa tua ironia, eu não aguento! Eu tou tentando ser direto, honesto contigo, mas tu fica te escapando, tu fica brincando... Ah, eu não posso mais!

Desde o primeiro dia que eu vi aquela fulaninha no teu escritório, miando daquele jeito (imita) eu já tava sabendo de tudo!

DANIEL - Não tem nada que ver uma coisa com a outra, Maitê!



Tu sabe muito bem que ela foi fazer estágio!...

MAITÉ - Pára! Tu te lembra muito bem! E quando eu falava: "Não sei, a Aninha...", tu dizia: "A Aninha, eu? Gordinha, baixinha, que coisa horrerosa, acho um bicho! Te lembra?"

DANIEL - Eu não sei porque tu tem que meter essas estórias! Eu vim conversar contigo, eu quero me entender contigo...

MAITÉ - Então, meu filho, dá tempo ao tempo...

DANIEL - (Interrompendo, incisivo) Vamos voltar, Maitê?

MAITÉ - (Pausa, Irônica) Voltar? Eu nunca saí...(mais irô
nica ainda) deste lar...

DANIEL - Eu e tu, Maitê

MAITÉ - (Séria) Tu tá me propondo que eu largue o cara?

DANIEL - É

MAITÉ - Uê, porque tu terminaste, eu vou ter que terminar também?

DANIEL - Maitê, eu quero investir tudo na nossa relação. Entende isso.

MAITÉ- Então começa a investir assim como ela tá.

DANIEL - Mas eu não posso ficar nessa...sabe... eu não posso imaginar tu transando com esse outro cara.

MAITÉ - Pára. Não me vem com essa estória (voz afetada)
"eu não posso me lembrar que tu estás trepando com o outro..."

DANIEL - Maitê...

MAITÉ - ...que eu odêêêêêêêêêê esse papo!

DANIEL - (Quase gritando) Maitê, pelo amor de...

MAITÉ - 5 meses eu fiquei me masoqueando nessa. E quando tu vinha com teus modernismos na cama, eu ficava pensando "aprendeu com ela!"

DANIEL - (A ponto de chorar) Maitê, por favor!...

MAITÉ - Não, não vem com essa. Olha, eu nem tou multo de Polí-
teressada no cara, mas não vou brigar, tá saben
do? Porque essa não é a hora. Agora porque



brigaste com a Aninha, eu vou ter que brigar com o meu cara? Tem graça!

DANIEL - É a trusa da gente, Maitê, o que que é mais forte? Vamos... vamos tentar. Como no começo.

MAITÉ - (Séria) É. Eu não tou sendo uma boa esposa.

DANIEL - Maitê, vai começar tudo de novo?

MAITÉ - (Idem) Mas eu tou falando sério, cara. Tem um homem que te ama e tu tem que deixar tudo por causa dele.

DANIEL - Tu me ama, Maitê?

MAITÉ - (Idem) Eu te amo, Daniel.

DANIEL - Então? Eu também te amo. Será que não chega, pra gente esquecer tudo e começar de novo?

MAITÉ - (Simples) Não. Não chega.

DANIEL - (Depois de um silêncio). É o seguinte, ô: Pode cancelar o prato, o vinho, o cacete, sabe com'ê que é? Eu quero mais é sair, pegar um ar. Sabe com'ê que é? Eu... eu não vou continuar assim... desse jeito... eu não aguento. (Joga dinheiro na mesa) Tu come...paga...faz o que tu quiser com essa merda dessa comida! Eu vou beber alguma coisa (Sai) (Maitê desfolha o dinheiro nota por nota. Depois, arruma-o bem direitinho sob um pires. E começando a cantarolar, tira calmamente a bolsa seus objetos e começa a retocar a maquiagem).

(MAITÉ, enquanto se arruma, cantarola)

TODO MUNDO AGORA

(ALL TOGETHER NOW)

Um, dois, feijão com arroz,
Três, quatro, feijão, no prato,
Cinco, seis, falar francês,
Meu amor,
Bom bom bom
Bom-pa bom
Bão balalão
Bom-pa bom
Senhor capitão

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Bom-pa bom
 Ciranda, cirandinha
 Bom-pa bom
 Se esta rua fosse minha.

(Falado) Todo o mundo agora!

(Cantado) Todo mundo agora (5 vezes)

CENA XIII
A DAMA DAS CAMÉLIAS

- LUCAS - Bom, chega de zorra e vamos trabalhar!
- PABLO - Esses virginianos, não dá pra aguentar!
- CAMILO - E o que é que vai ser agora?
- LUCAS - Dama das Camélias, a cena em que Margarida e Armando se conhecem. Tão com o texto de cor?
- CAMILA - Acho que sim. Vamos tentar.
- MAITÉ - (Anunciando) Mme. Duvernoy, M. Gaston de Rieux, Mme Charlotte, M. Armand Duval
- PABLO - (Beijando a mão de Camila). Minha senhora, pela beleza resplandecente que nos exhibe hoje, vejo que deve estar muito bem de saúde.
- CAMILA - Dispensio o galanteio, querido Gaston, mas sou-lhe muito grata pelo seu afeto.
- MAITÉ - Margarida, querida, ele tem toda a razão. Parece que você remoçou 20 anos. Até os pés-de-galinha quase não se notam mais. Que maquilagem está usando...
- PABLO - (Interrompendo) Margarida, quero lhe apresentar M. Armando Duval.
- MAITÉ - O apaixonado mais fiel que você tem em Paris...
- PABLO - (Arrancando Maitê por um braço). Vamos, cara Charlotte, eu a convido para uma taça de champagne.
- LUCAS - (Embevecido) Minha senhora... (Beija-lhe a mão)



CENA XIV
A SALA DE ESPERA

(Pausa. Camila rememoriza o texto)

LUCAS - Tá nervosa?

CAMILA - Um pouco.

LUCAS - Eu também.

(Pausa)

PABLO - (Chegando) Ôi.

LUCAS e Ôi

CAMILA

PABLO - O meu nome é Pablo

LUCAS - Eu me chamo Lucas

CAMILA - Eu sou Camila

LUCAS - Tem fogo, Pablo?

PABLO - Não, eu não fumo ... tabaco. (Todos riem)

CAMILA - Eu acho que tenho aqui na minha bolsa. Ai, meu Deus onde é que tá o meu texto? (procura na bolsa. Encontra) Ah, tá aqui. Que alívio! Pensei que eu tivesse esquecido. E tá aqui o fósforo. (Alcança-o a Lucas).

LUCAS - 'brigado. (Acende o cigarro) Vem cá, o que é que vocês vão dizer, hein?

CAMILA - Eu vou dizer um poema de Cecília Meireles.

PABLO - Pois eu pensei em dizer uma coisa de um amigo meu, o Caio...

LUCAS - Caio Fernando Abreu?

PABLO - É. Tudo conhece ele?

[alegria de
cumplicidade

LUCAS - Só. Ele escreve umas coisas que são um barato, n'é

MAITÊ - Ôi. Eu sou Maitê. (Saúdam-se, dizem-se os nomes novamente).

CAMILA - E que texto tu vai dizer, Lucas?

LUCAS - Eu vou fazer um diálogo com uma amiga minha que transa teagro e vai me dar uma força. Não prepara mos uma cena de Tchekov juntos.



PABLO - Que legal!

LUCAS - Só que essa amiga minha ainda não chegou e eu tou ficando preocupado, porque já tá quase na hora...

PABLO - Ih não entra nessa de ficar nervoso!

MAITÉ - É. Não adianta nada.

CAMILA - Ai, eu vou dar mais uma decoradinha no meu texto.

LUCAS - O que é que tu vais dizer Maitê?

MAITÉ - Eu vou dizer uma poesia de...(Tenta lembrar) ai, esqueci o nome do autor e o nome da poesia.

(Todos riem)

PABLO - Eu pensei em dizer alguma coisaminha, também...

MAITÉ - Tu escreve?

PABLO - Ah, eu...rabisco...

MAITÉ - Que barato!

PABLO - Mas não sei, eu...eu tenho vergonha...(Todos protestam). Sabe, gente, eu ouvi dizer que os professores da banca não deixam a gente dizer até o fim do texto. Eles interrompem antes!

CAMILA - Será?
Aha, eu até prefiro.

PABLO - Agora, eu ouvi dizer que essa escola aqui é uma festa!

(Todos riem)

MAITÉ - E eu ouvi dizer que quem entra aqui não sai mais.
(Riem de novo).

PABLO - (Gozador) Mas a opinião geral é a seguinte: quem é aluno daqui se é mulher é puta, se é homem, é bixa. (Risos).

MAITÉ - Pois o meu pai veio até falar com o diretor aqui da escola para "ver como era o ambiente":

PABLO - Teu pai veio aqui!

LUCAS - Diz que isso aqui é um antro...

MAITÉ - (Completando) de transviado. Foi a palavra que meu pai usou.

(Riem).



- LUCAS - Ah! É a Betty que não vem!
- TODOS - (Tranquilizando-o) Calma, não esquentar a cabeça!
- MAITÉ - Quem sabe, pra relaxar a gente conversa sobre "como é que a gente veio cair aqui". (Todos aprovam.)
- PABLO - No meu caso é rápido e rasteiro. É assim tipo (com voz emposta) "meu barato é fazer medicina". Sabe essa estória? Profissional liberal, papai e ma mãe sonhando com o filhinho médico, engenheiro, advogado... Acontece que não era nada disso que eu queria. Rodei em todos os vestibulares que eu fiz. Me empreguei no banco até.
- LUCAS - Ah é? Eu também já trabalhei num banco. É o maior saco, n'ê?
- PABLO - Putz! Sabe o que aconteceu comigo? Me demitiram.
- LUCAS - E eu pedi demissão.
- PABLO - A minha trip é fazer teatro. Sempre foi. É uma transa louquíssima! Eu tenho uma tia que sempre me deu força. Ela diz que eu tenho "queda". Sabe aquelas coisa de tia que diz que tu tem queda? Os meus pais é claro que não aprovam. Mas o negócio é o seguinte: eu resolvi fazer teatro e vou fazer teatro!
- MAITÉ - E tu Lucas?
- LUCAS - Eu? Eu faço filosofia também...
- CAMILA - Filosofia pura?
- LUCAS - É. Eu tou transando teatro lá no centro acadêmico. Eu tou mais pra teatro mesmo.
- MAITÉ - Tá a fim de largar a Filosofia?
- LUCAS - Tou
- MAITÉ - Legal.
- PABLO - (A Camila) E tu?
- CAMILA - Eu?
- MAITÉ - É.
- CAMILA - Eu faço Jornalismo.
- LUCAS - Onde?



CAMILA - Na PUC.

PABLO - Puxa! Tu deve pagar uma banana!

CAMILA - Uau! (Riem)

LUCAS - E tu curte?

CAMILA - Curto, mas curto mais é teatro mesmo. Quando eu no interior, a gente tinha lá uma turma que formou um grupo...

PABLO - Amador...

CAMILA - É.

MAITÊ - E eu gente, na hora da inscrição pro vestibular, eu ainda não tinha a menor idéia do que eu que ria fazer. Aí eu encontrei uma colega do normal que me disse assim "Escuta, Maitê, tu sabia que tem uma faculdade de teatro?" Aí, foi uma salvação pra mim. Eu sempre adorei fazer teatro no colégio. Mas fora, se não fosse ligado assim a uma faculdade, eu não ia ter coragem de fazer. Meu pai me matava.

LUCAS - Pois é. Vocês já se deram conta de como o teatro é considerado como uma coisa inferior? Tem que ser uma faculdade. Ou então a gente faz um outro curso junto...

PABLO - Pra ter uma profissão que segure a grana...

CAMILA - Principalmente numa cidade assim, provinciana como aqui... Se ainda fosse no Rio ou em São Paulo..

MAITÊ - Também, com toda essa repressão em cima da cabeça da gente! Mesmo sabendo que era uma faculdade, o meu pai não gostou que eu tivesse entrado. Na cabeça dele aqui é o lugar onde eu vou deixar de ser virgem.

PABLO - A gente tem mais é que fazer o que tá a fim. Só eu sei a angústia que tu fica, forçando uma barra que não é a tua...

LUCAS - Deixa eu dar uma olhadinha de novo no meu ^{TEXT}

PABLO - Só não te angustia muito, tá?

LUCAS - Pô! Mais angustiado do que eu já tou



- PABLO - Eu sei, eu também tou. Mas vamo segurar n'ê?
- LUCAS - O problema é que a minha amiga não chega!
- CAMILA - Mas não tem grilo. Se ela não vier, uma outra pesoa dá as falas por ela. Um de nós...Eu posso dar, quer dizer, se eles deixarem, lá...
- MAITÉ - Claro!
- LUCAS - Acontece que não é só a transa das falas. Tem toda a movimentação que a gente bolou...
- PABLO - O quê? Vocês fizeram marcação?! (Exclamações de espanto.)
- LUCAS - Fizemos.
- CAMILA - Ai, será que precisa ter marcação? Eu não pensei em nada!
- PABLO - Não precisa. Eu acho que não precisa, não.
- LUCAS - É que fica mais legal, mais porrada!
- MAITÉ - Ai, eu não sei. Eu só sei que tem uma hora no meu poema que eu me atiro no chão. (Risos).
- PABLO - Que barato!
- LUCAS - É legal. É forte.
- MAITÉ - É, é forte. É muito forte. É no verso final do poema, quando eu digo "Escarra nesta bouca que te beija!" (Demonstra.)
- PABLO - Qué loucura!
- LUCAS - Ah, é aquele soneto de Aug...
- MAITÉ - (Lembrando-se e espichando as vogais junto com Lucas) AUGUSTO DOS ANJOS! Me lembrei do nome do autor, que legal! Pode crer. Eu sabia que começava com A.
- CAMILA - Vem cá, a gente faz o teste assim na frente de todo o mundo, ou só pra banca de professores?
- LUCAS - Eu ouvi dizer que entram de 4 em 4.
- MAITÉ - Que legal, gente! Assim a gente...
- PABLO - (Completando.) ...vai os 4 juntos! (Completando.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA XVO TESTE

LUCAS - Pois é. Acontece que a minha amiga não chegou até agora... (os professores falam entre si e acendem cigarros.)

PROF. 1- Hein? O que foi que você disse, meu filho?

LUCAS - Eu falei que...

PROF. 2- (Interrompendo com extrema afabilidade) Você se importa de apagar o cigarro? A gente não costuma fumar aqui.

LUCAS - (Sem jeito) Ah é? Desculpe, eu... (Joga o cigarro no chão.)

PROF. 3- (Estendendo-lhe um cinzeiro. Também muito afável.) Aqui. (Lucas junta o cigarro.)

PROF. 2- Você disse que a sua coleguinha não chegou a tempo?

LUCAS - É...eu...sinto muito...

PROF. 1- (Baixo) Mais um! (Os professores falam entre si)

PROF. 2- Eu dou as réplicas pra você, então.

LUCAS - Tá bem. É uma cena da GAIVOTA de Tchexov.

PROF. 3 - (Baixo). Ambicioso, o garoto...

LUCAS - Eu faço

PROF. 2- Naturalmente. Pode me passar o texto?

LUCAS - Tá aqui...

PROF. 1- E pode tirar a bolsa, faz favor.

LUCAS - (Cada vez mais nervoso) Claro...desculpe, eu...(larga a bolsa, volta.) posso começar?

PROF. 2- Pode.

LUCAS - (Concentra-se por um longo tempo) Eu...esqueci a primeira fala!

PROF. 3- (Baixo) Não é possível!

PROF. 2- (Afabilíssima.) Você está um pouco nervoso. Respire, relaxe, nós temos todo o tempo



ã nossa disposição. A sua fala é: Quem está aí?

LUCAS - É isso mesmo. Obrigado. (Dá a fala.) Quem está aí?

PROF. 2- (Dá a réplica.) Tem alguém aí?

LUCAS - (Empaca novamente.)

PROF. 1- (Baixo) Não!

PROF. 3- Escute, você faz o seguinte: prepare este poema ' aqui (dá-lhe um livro.) e daqui a meia hora, você vem fazer uma leitura pra nós. O.K. 'brigado. (sai)

PROF. 3- Agora é...

PROF. 1- Camila...

CAMILA - Sou eu. Eu vou dizer um poema de Cecília Meireles. (Diz o poema) (**)

PROF. 2- (depois de rápidas palavras trocadas com os outros) É um pouco curtinho demais, mas tudo bem.

PROF. 1- Maitê Soares da Mata.

PROF. 3- É esse Osvaldo que não chega com o cafezinho!

PROF. 1- Eu preferia era uma caipira.

MAITÉ - É...um poema do Augusto dos Anjos... (diz o poema) (***)

PROF. 1- Esta bem. O próximo é... Pablo...

PABLO - Eu. Eu tenho um problema. O seguinte: eu não consegui definir um texto...

PROF. 2- Você não tem nada preparado, é isso?

PABLO - É eu... (Novamente os professores falam entre si.)

PROF. 3- E cantar uma música, quem sabe? Você teria uma música pra cantar?

PABLO - (Feliz) Cantar, sim! É uma ótima idéia! Eu adoro cantar!

PROF. 1- O.K. Fique à vontade. Se os outros querem ir em hora, podem ir.

MAITÉ - Eu gostaria de ficar assistindo. Posso?

PROF. 2- Claro.

PABLO - (canta) Because the world is round,
it turns me on

(** (e (***) citados na pag. 82.



because the world is round, ah.
 Because the wind is high
 it blows my mind, ah. Because the wind is
 high.
 Love is old, lov is new,
 Love is all, love is you.
 Because thesky is blue,
 it makes me cry.
 Because the sky is blue.

CENA XVI

DECLARAÇÃO DE AMOR

LUCAS - Agora vamos dar uma passada no Shekespeare, que
 ainda tã muito inseguro.

PABLO - Vamo lã.

TITÂNIA - (Acordando) - Que anjo me desperta do meu leito
 florido?

Peço-te, gentil mortal, canta outra vez. A tua
 voz cativou-me os ouvidos e o teu aspecto enfeiti
 çou-me o olhar. E é tal o poder dos teus encantos
 que sou obrigada a dizer-te, a jurar-te que te amo
 desde já.

BOBINA - Pois quer-me parecer, minha patroa, que não tem
 lã muita razão para isso. Mas, a bem dizer, razão
 e amor nos tempos que vão correndo não andam lã
 muito de parceria.

TITÂNIA- És tão sábio quanto belo.

BOBINA - Não é tanto assim...Mas se tivesse tino bastante pa
 ra sair dêste bosque, já chegava para o que preci
 so. (foge)

TITÂNIA- Não queiras sair dêste bosque, pois aqui ficarás,
 quer o desejes ou não. Sou um espírito de el
 categoria. Amo-te, vem comigo. Terás elfos
 te servirem que irão buscar-te jóias ao



abismo e cantarão enquanto dormes sôbre flôres
amontoadas

(Trazendo-o, puxando-o até o praticável.

Hei de purificar-te de tua humana grosseria para
que possas pairar como um espírito etéreo. Grão
de Mostarda (ELES ENTRAM)

FADA - Aqui estou - do alto da torre direita (corda)

FADA - Que mandais?

TITÂNIA- Que sejas cortês e gentil com êste fidalgo. Dana
diante dêle e faz cabriolas no seu caminho, Para
o alimentar traz-lhe damascos e uvas moscatel, gro
selhas, figos e amoras silvestres. Às borboletas'
arranquem as asas multicores para abanar-lhe o so
no e afastar dos seus olhos os raios da Lua. In-
clina-a, fada, faz-lhe

FADA - Salve Mortal!

BOBINA - Dou mil graças a Vossa Senhoria de todo o coração.
Vossa Senhoria como se chama. (Levanta-se e faz
reverência)

FADA - Grão de Mostarda.

BOBINA - Cara senhora Grão de Mostarda, bem sei dos vossos
padecimentos. Aquele grande covarde do rosbife '
quantas vêzes não devorou os membros da vossa i-
lustre família! Podeis ter a certeza de que a
vossa parentela frequentemente me fêz chegar às
lágrimas aos olhos. Desejo cultivar a vossa amiza
de, cara senhora Grão de Mostarda.

TITÂNIA- Vamos levem-na para o meu caramanchão. Leva o
meu amor mas tapa-lhe a bôca, conduzi-o. (SAEM TO
DOS)

CENA XVI

DECLARAÇÃO DE AMOR

PABLO - Bom, a gente vai transar a cena como comédia
Carregando no tom melodramático e inserindo um



gags tipo pastelão. Por exemplo, vê se tu consegue visualizar: Romeu, quando tá escalando o balcão, pisa em falso e fica pendurado. E aí pode ter do tê um lance da Julieta tentando puxar ele pra cima...

MAITÉ - Tu acha que vai funcionar?

PABLO - Só vai. Eu me lembro de uma chanchada da Atlântida em que o Oscarito e o Grande Otelo faziam uma paródia da cena do balcão. O Grande Otelo tava com umas tranças loiras enormes... Era de se cagar de rir! (imita-os.)

MAITÉ - Mas eu acho que o professor não vai gostar. Tu sabe como ele é rígido com essa questão de "fidelidade absoluta ao texto", "servir o poeta", essa estória toda...

PABLO - Picas pro professor, e o "poeta" que se foda! Isso é pura carênice. A gente vive no século XX, década de 70! O texto é só um pretexto pra criação do espetáculo. O que importa mesmo é o espetáculo, (com ênfase), o "discurso cênico. Tu não sacou essa ainda?

MAITÉ - Saquei. Mas de repente, eu fico pensando... Shakespeare...é um texto que se impõe tanto...

PABLO - Ora, Maitê! Eu tou te propondo uma visão anarquista, revolucionária!

MAITÉ - Eu entendo e até concordo contigo. Mas outra coisa que me ocorre e...sei lá... essa podia ser uma oportunidade da gente trabalhar uma linguagem, mais realista...mais...(medindo a palavra)romântica...

PABLO - Maitê, eu tou te estranhando. Tu sempre embarca nessas nossas pirações de teatro experimental, de criação coletiva, de transar com a platéia... E agora tá mijando pra trás?!

MAITÉ - Desculpe, Pablo. Eu acho que tu tá com a razão. Eu é que não tou com cabeça pra conversar sobre isso agora.

PABLO - Tu tá down hoje, é? Tá com algum grilo? E



causa da cena?

MAITÉ - Não, não é isso, não tem grilo nenhum. Só o que tem e que...

PABLO - É que o quê?

MAITÉ - Sei lá...a minha cabeça é que não tá legal hoje.

PABLO - Se eu puder te dar uma força, tu sabe que pode contar comigo. Os amigos são pra isso.

MAITÉ - É...os amigos. (Pausa) Sabe que eu acho a tua mão tri-bonita, assim, ao mesmo tempo delicada e forte

PABLO - (Meio sem graça) É?...

MAITÉ - É. Foi a primeira coisa que me chamou a atenção em ti.

PABLO - Ahn...bom, deixa eu dar uma pensada na marcação inicial da cena (Caminha, gesticulando e marcando. Maitê fica olhando pra ele.)

MAITÉ - O teu pê também é bonito, bem feito...

PABLO - (Sem entender muito bem.) O meu pê? (Olha para o pe.) Maitê, espera só um pouquinho, tá? Deixa eu definir melhor as idéias na minha cabeça. (Senta e começa a fazer anotações.)

MAITÉ - (Depois de um tempo) Teu olho também é super-expressivo...

PABLO - Maitê, por favor! Eu preciso anotar logo, se não eu esqueço.

MAITÉ - Desculpe.

PABLO - (Atrapalhado com a papelada.) Será que tu podia por em ordem as páginas do meu texto? Eu não tou me achando aqui.

MAITÉ - Claro. (Pablo continua escrevendo. Pausa. Sem levantar os olhos dos papéis.) Pablo...

PABLO - (Automaticamente.) Ahn?

MAITÉ - Eu...eu tou com uma coisa pra te dizer há trancada na garganta...mas chega na hora e...eu não consigo...



- PABLO - (Sem prestar atenção, escrevendo.) Mmmm...
- MAITÉ - (De olhos baixos) É que... (Levanta os olhos para ele.) eu tou fissurada por ti.
- PABLO - (Sem entender) Hã?
- MAITÉ - (Baixando os olhos.) É isso aí.
- PABLO - (Começando a pressentir.) O que foi que tu disse?
- MAITÉ - (Ainda de cabeça baixa, mas articulando cada sílaba.) Eu disse que eu tou fissurada por ti.
- PABLO - O QUÊ???
- MAITÉ - (Falando desabaladamente.) Eu descobri que eu gosto de ti, entendeu? Gosto assim de...de...'tar a paixonada, sa' cum'ê? Todo esse tempo que a gente tem estudado junto, esnaiado junto, pegando a mesma condução pra voltar pra casa, os papos que a gente tem...sei lá...tudo isso foi me abrindo os olhos pra pessoa maravilhosa que tu é...
- PABLO - Mas Maitê...
- MAITÉ - Deixa eu terminar. Tu não é uma pessoa tchá, dessas que chamam a atenção logo a primeira vista. Foi aos pouquinhos que eu fui descobrindo tudo de bonito que tu tem. Primeiro foi as mãos... as mãos é sempre a primeira coisa que eu observo numa pessoa...depois, toda a tua maneira te mexer, de falar...as coisas que tu diz...essa tua sensibilidade incrível...Normalmente os caras que eu conheço são...são uns animais, que acham que ser sensível ou ser afetuoso é coisa de bixa. Eu nunca consegui transar com esses caras...Mas contigo é diferente. O jeito de tu te aproximar das pessoas - com respeito, com carinho...
- PABLO - Maitê...eu não sei o que dizer, eu tou abestalhado...eu não sei o quê que eu faço...
- MAITÉ - Eu não tou te pedindo pra fazer nada. Eu queria te dizer isso. Só isso. Agora eu já disse. Pronto.
- PABLO - Mas Maitê, tu tá te dando conta do que tu tá dizendo? Eu sempre te considereei uma amiga muito



cial, eu gosto de ti pra caralho! Mas agora essa, de repente, tu, apaixonada por...mim! Eu...eu... tou pirado...tu sabe muito bem que...que...

MAITÉ - Que tu não transa com mulher? Claro que eu sei. A gente já conversou sobre isso.

PABLO - Mas então? Como é que tu foi inventar essa de... é uma estória que tu tá fazendo na tua cabeça. Nunca que ia dar certo uma transa entre nós...Eu... eu não ia conseguir...eu nunca transei com nenhuma mulher...

MAITÉ - E com homem?

PABLO - Maitê, tu sabe, eu já te falei. Eu tenho um baita grilo com o meu homossexualismo...eu tive poucas transas com homem...é verdade...transas passageiras, de uma noite ou duas, e todas insatisfatórias, por causa desse puta sentimento de culpa que me dá...

MAITÉ - Mas então? Tu não tá assumindo em nenhum dos lados, essa é que é a verdade.

PABLO - Eu sei, mas mesmo assim, eu acho que é muito mais fácil pra mim ter um caso com um outro cara do que com uma mulher. Eu me sinto atraído por homem, não por mulher. Eu tou batalhando contra essa repressão interna. Eu tenho esperança de um dia conseguir assumir com tranqüilidade a minha condição e encontrar uma pessoa legal, e construir uma relação estável, harmoniosa...

MAITÉ - É por quê que isso não poderia acontecer com uma mulher?

PABLO - Maitê, tu sabe muito bem, E não ia conseguir...

MAITÉ - Trepar?

PABLO - É. Trepar. Eu não sinto tesão por mulher.

MAITÉ - Pablo, eu não tou falando em trepar, nem sequer em ter uma relação a fu. Eu só queria te dizer que eu gosto de ti, e que...se tu quisesse...eu estaria disposta a que tu não me amasse no início, mas entregasse um pouquinho mais pra mim. essa fala, ela, devagarinho, vai se apro



le e segura-lhe e segura-lhe a mão.) É só isso que eu te proponho. Nada mais.

PABLO - Maitê, não ia dar certo. Eu ia te fazer sofrer.(Ele já não está mais defensivo, e deixa transparecer' uma ponta de ternura.)

MAITÉ - E tu acha que eu não tou sofrendo mais ainda agora? Pablo...eu tou diposta a correr o risco.

PABLO - Eu...(suspiro)...parece que explodiu uma bomba na minha cabeça...Eu tou achando isso incrível!Nunca ninguém me disse que me amava ou que tava atraído por mim. Do jeito que eu sou...eu não me considero capaz de ser amado.

MAITÉ - Pois pode se considerar, a partir de hoje.

PABLO - Sabe, eu tou...não sei como dizer...eu tou encantado... é uma coisa tão bonita saber que a gente despertou amor em alguém...Eu tou...eu tou fascinado com isso.

MAITÉ - Tu taria disposto a tentar? Sem compromisso?

PABLO - Eu não sei, eu...(Os dois estão bem próximos agora. Por um momento, olham-se nos olhos. Docemente Maitê acaricia com dedo as linhas do rosto de Pablo. Suavemente ele segura-lhe o rosto e aproxima para beijá-la. O beijo é de leve. Sorriem sem se afastar. Ele abraça-a e beijam-se longamente.) Eu sou um pouco desajeitado...

MAITÉ - Eu também. (Permanecem olhando um os olhos do outro.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA XVII

1º ENCONTRO AMOROSO (BLACK-OUT)

MAITÉ - (Susurrando) Tu tem certeza que a tua família não vai acordar?

PABLO - (Idem) Se a gente não fizer barulho, não.

MAITÉ - (Idem) Ai, eu tou louca de medo!

PABLO - Não tem perigo. Te acalma.



- MAITÉ - Pablo...
- PABLO - O quê?
- MAITÉ - Apaga a luz.
- PABLO - Já tá apagada, menina!
- MAITÉ - Ah, é mesmo. É por isso que eu não enxergava nada!
- PABLO - (Rindo) Maitê, tu me encanta cada vez mais.
Maitê, tira o casaco, tá?
- MAITÉ - Eu tou ouvindo passos...
- PABLO - Imaginação tua. Chega mais prá cá, vem...(pausa)
Mas... por que que tu tá tão dura, hein?
- MAITÉ - Eu não tô dura, nada
- PABLO - Tá sim.
- MAITÉ - Mas o que é que tu quer que eu faça, que eu fique mole?
- PABLO - Tira a mão daí.
- MAITÉ - Eu tou fazendo um carinho...
- PABLO - Mas aí não sou eu. É o abat-jour (pausa) Maitê...
- MAITÉ - Ai, pára um pouquinho de falar. Eu preciso me concentrar.
- PABLO - Por quê?
- MAITÉ - É que tu fala, fala, e eu não sei o quê que eu vou fazer.
- PABLO - A gente vai fazendo, eu também não sei muito bem.
A gente vai descobrindo...
- MAITÉ - Ai, eu tou sentindo uns arrepios.
- PABLO - Eu tou com a boca seca
- MAITÉ - (Grita) Ai!
- PABLO - O que foi?
- MAITÉ - Tem uma coisa embaixo de mim me espetando.
- PABLO - Não é nada. É uma caneta que eu esqueci em cima da cama. (Pausa) Maitê...me dá a mão.
- MAITÉ - Eu não acho a tua mão.
- PABLO - Tá aqui...Tu não quê desabotoa um pouquinho



sa?

MAITÉ - Eu tiro a blusa então.

PABLO - Então tira.

MAITÉ - Ai, que coceira que tá me dando! Mas que coceira, que coisa horrível (Aumentando o volume) Ai, eu não aguento mais! (Pablo tenta fazer ela calar a boca) Tou com uma coceira em todo o corpo!

PABLO - Ai!

MAITÉ - O que foi?

PABLO - Tu me deu uma batida.

MAITÉ - Onde?

PABLO - Nas...bolinhas...

MAITÉ - Ai,vamos fazer uma coisa?

PABLO - O quê?

MAITÉ - Tu não fala e eu não falo; vamos ficar parados.

PABLO - Tá legal.

MAITÉ - Tem uma coisa caminhando por cima dos meus pés.Pe lo amor de Deus, me vê o que que é isso!

PABLO - É uma barata. (Maitê grita) Espera que eu vou matar. (Som de batida) Pronto!

MAITÉ - Ai, eu quero ir embora desse lugar!

PABLO - É que a casa é muito antiga!

MAITÉ - Quem é que inventou essa vinda aqui?

PABLO - Nós dois. De comum acordo.

MAITÉ - Mas é que tem uma coisa.

PABLO - O quê?

MAITÉ - Eu não tou preparada.

PABLO - Eu também não tou preparado. Mas vamos nos prepara rar já.

MAITÉ - Mas tu já tiveste outros "Encontros amorosos". E esse é meu primeiro.

PABLO - O meu também. Relaxa.

MAITÉ - Tá bem; eu vou ficar parada, bem para



- PABLO - Tu tá parada, mas tá toda tensa!
- MAITÉ - Quê que isso aqui?
- PABLO - É minha barriga.
- MAITÉ - E isso aqui?
- PABLO - Minha costela.
- MAITÉ - E isso?
- PABLO - Ih, vai fazer turismo agora, é?
- MAITÉ - Pablo, eu pensei que tu ia tomar a iniciativa. Eu vou ficar assim paradinha, esperando.
- PABLO - Mas Maitê, cada vez que eu chego perto de ti tu fica hirta!
- MAITÉ - (ALTO) Ah, deu prá mim. Eu vou me embora!
- PABLO - Psst! Maitê, por favor, esse é o nosso primeiro encontro. Tem que ser uma coisa linda.
- MAITÉ - Ai, Pablo, pãra de me cutucar.
- PABLO - Mas eu não tou te cutucando.
- MAITÉ - Então é o raio dessa caneta que não pãra de me espetar!
- PABLO - MAITÉ:
- MAITÉ - Quer saber de uma coisa? Acende essa luz porque 'essa caneta eu não aguento mais!

CENA XVIII

Intervalo de Ensaio

- LUCAS - O.K, gente. Vamos fazer um intervalinho pra descansar.
- TODOS - (Exclamações.) Oba! Grande!
- LUCAS - (Fingindo ironia.) Atores profissionais! (Risos) '15 minutos. Num um segundo a mais!
- PABLO - Ih! Eu já ouvi esta frase umas 550.000 vezes na minha vida.
- CAMILA - Dita por esta mesma voz maviosa. Eu vou budear Polícia sanduíches pra nós.
- MAITÉ - E eu vou fazer um xixi, que eu não me aguento mais!



PABLO - Ei, Camila! Pra mim traz um sô de queijo, que eu não como carne.

CAMILA - Falou. (Sai. Maitê retorna.)

PABLO - Nossa! Mas que xixi supersônico!

MAITÉ - Uê, você sabe que eu sou conhecida como a famosa "spid-frique" do portinho. E isso que eu tava qua se me mijando perna abaixo.

LUCAS - Aliás, tu, pra te mijar perna abaixo não precisa muito. Lembra daquela comédia que a gente fez na escola...

PABLO - (Rindo)...que eu esqueci de entrar em cena...

MAITÉ - E eu tava sozinha em cena, e tinha de me virar e dar de cara contigo. Aí eu me virei e disse: "Lord Edgar"... e cadê o Lord Edgar?

LUCAS - Tava no camarim, bem sentado na frente do espelho.

PABLO - Curtindo tranquilamente a minha maquiagem.

LUCAS - Tu tava fumando aquele dia, n'ê?

PABLO - Não tava, juro que não! (Exclamações de descrédito dos outros.)

MAITÉ - E eu comecei a improvisar um monólogo pro público não perceber. Puta que me pariu! Foi me dando uma frouxura e eu senti que ia me mijar todinha. Fa lei todas as coisas absurdas que mi vinham na cabeça.

LUCAS - E tinha alguém importante na platéia aquela noite. Quem era? Vocês lembram?

MAITÉ - O Walmor Chagas! Quando eu me lembrei do Walmor, não consegui segurar mais: o mijo começou a es-correr. Eu tinha a sensação de tar dividida ao meio. Da cintura pra cima eu dava o texto, e da cintura pra baixo eu me mijava. Ainda bem que eu tava de saia comprida!

PABLO - E quando finalmente eu entrei em cena tava aquela baita poça! Tive que mudar toda a marcação pra não pisar no mijo.

MAITÉ - A peça devia se chamar: "A atriz que na

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



mijo".

PABLO - E o teu personagem devia se chamar "Uréia".

LUCAS - Vocês lembram da música que a gente cantava no espetáculo? Um dia desses eu tava tentando me lembrar e não conseguia. Eu só sei que era uma versão dos Beatles que a gente transava assim meio estilo sprachegesange.

PABLO - Era o Bungalow Bill.

MAITÉ - Isso mesmo! (Começam a cantar.)

BUNGALOW BILL

Hei, Bungalow Bill

Você matou, você feriu (2 vezes)

Partiu pra caçar tigres no seu grande elefã

Pra um caso de emergência, ia junto a mamã.

Ele é um Tarzan tratada a todody, caviar e champã

REFRÃO Auditório

Penetrou nas selvas onde reina o tigre Rrruuu!

Bill e seu elefantes pressentiam um mau sinal.

Foi Capitão Marvel quem lhe deu o golpe fatal

As crianças agora;

REFRÃO

As crianças lhe perguntam se é pecado matar?

"Não pra um valente" Mamã acaba de entrar!

Se o olhar matasse era esse o nosso grande azar

REFRÃO

CENA XIX

Aninha

(Aninha chega da rua)

LUCAS - Gente, essa aqui é a Aninha (Enfático) A sabiã que conquistou o coração deste velho urso

PABLO - Nem tão velho assim.

MAITÉ - Mas um pouco urso.

ANINHA - (Cumprimenta e beija todos. Quando chega a vez de Maite as duas param uma diante da outra sem dizer nada)

LUCAS - Vocês já se conhecem?



ANINHA - Sim

MAITÉ - E muito bem!

LUCAS - Que legal (Romântico) Então você aprova o nosso amor, Maitê?

MAITÉ - (Ironia disfarçada) Veementemente.

ANINHA - (Visivelmente constrangida) Vocês me dão licença que eu tenho um trabalho para entregar amanhã na Faculdade (Sai apressada, Lucas acompanha-a e trocam algumas palavras baixo)

PABLO - (Sussurando) Por essa você não esperava, heim?

MAITÉ - Te juro que não. E olha que eu não sou de perder o rebolado assim por qualquer coisa.

LUCAS - (Voltando) Vamos retomar o trabalho "A Casa de Bonecas"

CENA XX
SEPARAÇÃO

HELMER - (Junto da porta, que ficou aberta) Bem: sossega, tenta serenar o espírito, refazer-te desta inquietação, minha avezinha amedrontada. Descansa em paz, tenho amplas asas para te proteger. (Andando de um lado para o outro, sem se afastar da porta) Oh! como o nosso ninho é tranquilo e encantador, Nora! Aqui estás segura: guardar-te-ei como uma pomba que eu acolhesse depois de a retirar sã e salva das garras do abutre. Saberei aquietar o teu pobre coração que palpita. Consegui-lo-ei pouco a pouco, Nora. Amanhã, verás tudo sob outro aspecto. Tudo tornará ao que era dantes. Não necessitareia firmar-te continuamente que te perdoei. Senti-lo-has por ti própria, sem que te restem dúvidas. Como podes supor que te posso repelir ou sequer censurar-te? Ah! não sabes o que é um verdadeiro coração de homem. Nora. É para o homem uma grande doçura, um tal gozo da consciência, haver por



doado verdadeiramente, do íntimo do coração. É uma como segunda posse, uma nova criação; já não é só a mulher que vemos no ente perdoado, é também a nossa filha. Assim te considerarei de futuro, criaturinha assustada, sem bússula. Nada te inquiete, Nora; sê apenas franca para mim e eu serei a tua vontade e a tua consciência. Que quer isso dizer? Não te deixaste? Tornaste a vestir-se?

NORA - (Que envergou o seu traje habitual) É verdade, Torvaldo; tornei-me a vestir.

HELMER - A esta hora: para quê?

NORA - Esta noite não espero dormir.

HELMER - Mas, minha querida Nora...

NORA - (Vendo o seu relógio) Ainda não é muito tarde. Senta-te, Torvaldo. Temos que falar.

HELMER - Nora...que significa? Esse ar rijido...

NORA - Senta-te. A nossa conversa será longa. Temos muito que dizer.

HELMER - (Sentando-se em frente dela) Estás-me inquietando, Nora. Não te compreendo.

NORA - Assim é: não me compreendes. Também eu...nunca te compreendi...senão agora...Não me interrompas. Ouve o que te digo. Precisamos regular as nossas contas.

HELMER - Que entendes por isso?

(A janela) A carta! Não, não, Torvaldo!

NORA - (Após um instante de silêncio) Eis-nos aqui, face a face. Não te impressiona uma coisa?

HELMER - Quê?

NORA - Há oito anos que somos casados. Reflete um momento não é esta a primeira vez que nós dois, tais como somos, marido e mulher, conversamos a sério um com o outro?

HELMER - A sério, é exacto...E então?

NORA - Oito anos passaram...mesmo mais, se com



de o nosso primeiro encontro...sem que nunca trocássemos uma palavra séria sôbre um assunto grave.

HELMER - Acaso te deveria iniciar a tôda a hora nos meus cuidados que tu não poderias aliviar?

NORA - Não falo de cuidados. Quero dizer que nunca, fôsse no que fôsse, nos esforçámos em perscrutar em comum o fundo das coisas.

HELMER - Mas, vejamos, querida Nora: seria ocupação parati?

NORA - Ora ai está. Nunca me compreendeste...Teem sido muito injusto para comigo. Torvaldo: primeiro o papá, depos, tu.

HELMER - Quê? Nós ambos? Mas quem é que te amou tanto como nós?

NORA - (Meneando a cabeça) Nenhum dos dois me teve amor. Acharam divertido estar em adoração deante de mim, nada mais.

HELMER - Então, Nora, que linguagem!

NORA - É assim mesmo, Torvaldo, quando eu estava com o papá, ele expunha-me as suas idéias, e eu partilhava-as. Se acaso as tinha diferente, ocultava-as. Ele não gostaria que eu as manisfettesse. Chamava-me sua bonequinha e brincava comigo como eu com as minhas bonecas. Depois vim para ti...

HELMER - Empregas umas expressões, para falar do nosso casamento.

NORA - (Sem mudar de tom) Quero dizer que das mãos do papá passei para as tuas. Tudo arranjaste a teu gosto, gosto que eu partilhava, ou finjia partilhar, não sei oa certo; talvez uma e outra coisa, ora uma, ora outra. Olhando para trás, agora, parece-me que vivi aqui como vive a gente pobre... do trabalho de cada dia. Vivi das piruetas que te fazia, Torvaldo. Tu e papá foram culpados. Se eu para nada sirvo, a culpa é de ambos.

(A janela) A carta!

HELMER - És insensata, Nora. Não fôste aqui feliz?



NORA - Nunca: era alegre, nada mais. Eras tam amável pa
ra mim! mas a nossa casa nunca passou de uma sala
de recreio. Fui boneca-espôsa em tua casa, como
fôra, boneca-filha na casa do meu pai. E, os nos-
sos filhos, por sua vez, foram as minhas bonecas.
Eu achava engraçado brincares comigo, como êles
achavam engraçado que eu brincasse com êles. Eis
o que foi a nossa união, Torvaldo.

HELMER - Há alguma verdade no que dizes...Mas para o futu-
ro tudo mudará. O tempo do recreio passou, agora
chegou o da educação.

NORA - A educação de quem, a minha ou a dos nossos fi-
lhos?

HELMER - Uma e outra, querida Nora.

NORA - Ah! Torvaldo! Tu não és homem que me eduques a
ponto de me tornar a verdadeira espôsa que preci-
sas.

HELMER - E és tu que assim falas?

NORA - E eu...como estou preparada para educar os meus
filhos?

HELMER - Nora!

NORA - Mas tu disseste muito bem. É uma missão superior
as minhas fôrças. Primeiro quero cumprir outra. Pen-
sarei antes de tudo em me educar a mim mesma. Não
és homem que me facilites essa tarefa. Devo em-
preendê-la eu sozinha. E para isso te vou deixar.

HELMER - (Erguendo-se de um pulo) Que dizes?!

NORA - Necessito estar só, para me avaliar a mim própria
e a tudo quanto me rodeia. Por isso não posso con-
tinuar a viver contigo.

HELMER - Nora! Nora!

(A janela) A carta! Não, não, Torvaldo!

NORA - Sairei já. Esta noite ficarie em casa de Cristina.

HELMER - Tu desvairás! Não tens o direito de sair. Proibo-
to

NORA - D'ora avante nada me podes proibir. Levo tudo que



me pertence. De ti nada quero guardar, nem agora, nem nunca.

HELMER - Que significa essa loucura?

NORA - Amanhã parto para a terra onde nasci...Lá encontrarei mais facilmente um modo de vida.

HELMER - Como és cega, pobre criatura, sem experiência!

NORA - Tentarei alcançá-la, Torvaldo.

HELMER - Abandonar o teu lar, teu marido, teus filhos! Não pensa no que dirão?

NORA - Não posso pensar nisso. Sei unicamente que, para mim, é isso indispensável.

HELMER - Ah! é revoltante! Trairás assim os teus deveres mais sagrados?

NORA - Que consideras tu meus deveres mais sagrados?

HELMER - Será necessário dizer-lo? Não serão os teus deveres para com o teu marido e os teus filhos?

NORA - Tenho outros tam sagrados como êsses.

HELMER - Não tens. Quais poderiam ser?

NORA - Os meus deveres para comigo mesma.

HELMER - Antes de mais nada és esposa e mãe.

NORA - Já não creio em tal. Creio que antes de mais nada sou uma criatura humana, com tanto direito como tu. Ou pelo menos, que devor procurar sê-lo...Sei que a maioria dos homens te dará razão, Torvaldo e que essas idéias está impressas nos livros. Eu, porém, já não posso pensar pelo que dizem os homens nem pelo que se imprime nos livros. Preciso eu própria fornar o meu critério e adquirir a noção de tudo.

(A janela) A carta! Não, não, Torvaldo!

HELMER - Quê? Acaso não terás a noção do teu lugar na família? Não tens nêsse ponto um guia infalível? Não tens a religião?

NORA - Ai, Torvaldo! A religião, não sei bem ao certo o que ela é.



HELMER - Não sabes?

NORA - Dela só conheço o que me ensinou o cura Hansen ao preparar-me para a confirmação. A religião, é isto, é aquilo...Quando me encontrar só e livre examinarei esse assunto, como os demais. Verei se o cura falava verdade, ou pelo menos, se o que dis se era verdadeiro em relação a mim.

HELMER - Ah! isto é inaudito da parte de uma mulher! Mas se a religião te não pode guiar, deixa-me sequer moldar a tua consciência. Que, suponho, possues ao menos o senso moral. Ou és desprovida dêle? responde.

NORA - Vês, Torvaldo; custa-me a responder. Não sei. Confundo-me em tudo isso. Só uma coisa sei; é que as minhas idéias diverjem inteiramente das tuas. Também fiquei sabendo que as leis não são o que eu julgava, mas de que essas leis são justas é que ninguém me poderá responder. Então uma mulher não teria o direito de evitar um desgosto a seu velho pai moribundo ou de salvar a vida do marido! Isto não pode ser.

HELMER - Falas como uma criança: nada entende da sociedade de que fazes parte.

NORA - Não, não entendo. Mas quero chegar a entender e certificar-me de qual de nós tem razão: se a sociedade, se eu.

HELMER - Estás doente, Nora, tens febre: quase me convenço de que não estás em ti.

NORA - Sinto-me esta noite mais lúcida e mais senhora de mim do que nunca.

HELMER - E é com essa firmeza e em perfeita lucidez que abandonas o teu marido e os teus filhos?

NORA - É

HELMER - Isto só tem uma explicação possível.

NORA - Qual?

HELMER - Já me não amas?



- NORA - Exacto; é esse, de facto, o motivo essencial.
- HELMER - Nora!...E é assim que o dizes!
- NORA - E custa-me tanto, Torvaldo! porque tu sempre foste bom para mim. Mas nada posso contra isto; já te não amo.
- HELMER - (Esforçando-se por se dominar) Disso também estás perfeitamente convencida, não é verdade?
- NORA - Absolutamente. E é essa razão por que não quero permanecer mais tempo aqui.
- HELMER - E podes explicar-me como perdi o teu amor?
- NORA - Sem dúvida. Foi esta noite, quando não vi realizar-se o prodígio esperado. Vi então que não o homem que eu imaginava.
- HELMER - Explica-te; não te entendo.
- NORA - Durante oito anos esperei pacientemente. Eu bem sabia que os prodígios se não realizam todos os dias. Enfim, chegou esta hora de angústia. Então pensava com certeza: vai-se realizar o prodígio. Enquanto a cara de Krogstad estava na caixa, nem por um instante pensei que te pudesses curvas às condições desse homem. Acreditava firmemente que lhe dirias: Vamos publique tudo...E quando isso sucedesse...
- HELMER - Muito bem...quando eu tivesse lançado a minha mulher na vergonha e no opróbrio.
- NORA - Quando isso sucedesse, eu estava plenamente convencida de que aparecias tu a tomar a responsabilidade de indo e a dizer: Sou eu o culpado.
- HELMER - Nora!
- NORA - Vais dizer que eu não aceitaria o teu sacrifício. É claro. Mas que significaria a minha afirmação ao lado da tua? Pois bem! eis o prodígio que eu esperava com terror. E para evitar isso é que eu quero morrer.
- HELMER - Considerar-me-ia feliz, Nora, em trabalhar dia e noite. Tudo suportaria, cuidados e privações.



mas não há ninguém que ofereça a sua honra pelo ente que ama.

NORA - Milhares de mulheres o teem feito.

HELMER - Oh! pensas e falas como uma criança.

NORA - Admitamos. Tu, porém, não falas como homem a quem me seja possível imitar. Uma vez tranquilizado, não sobre o perigo que me ameaçava, mas sobre o que tu próprio corrias... tudo esqueceste. Eu tornei a ser a tua avezinha cantora, a tua boneca que estavas pronto a trazer nos braços como dantes, com tanto mais precauções quanto a havias reconhecido mais frágil. (Erguendo-se) Ouve, Torvaldo; nesse momento, pareceu-me ter vivido oito anos nesta casa com um estranho, e que tivera três filhos... Ah! nem posso pensar em tal... Sinto desejos de me rasgar em mil pedaços.

HELMER - (Surdamente) Ai de mim, bem o vejo, bem o reconheço. Cavou-se entre nós um abismo; mas, diz-me, Nora, se o não poderemos transpor.

NORA - Tal como agora sou não posso ser tua mulher.

HELMER - Terei a força de me transformar.

NORA - Talvez... se te tirarem a tua boneca.

HELMER - Separar-me... separar-me de ti! Não, Nora, não posso aceitar esta ideia!

NORA - (Dirijindo-se para a porta da direita) Maior razão para terminar-mos... (Sai e torna a entrar com a capa, o chapéu e uma maleta de viagem que depõe sobre uma cadeira ao pé da mesa)

HELMER - Ainda, não, Nora, ainda não! Espera até amanhã!

NORA - (Pondo a capa) Não posso passar a noite sob o tecto de um estranho.

HELMER - Mas não podemos viver junto como irmão e irmã

NORA - (Prendendo o chapéu) Bem sabes que isso duraria pouco. (Pondo o chaile pelos ombros) Adeus, Torvaldo. Não quero ver as crianças. Sei que estão em melhores mãos que as minhas. Assim como sou eu enquanto to... não posso ser para eles uma mãe.



- HELMER - Mas um dia, Nora...um dia?
- NORA - Como responder-te...Não sei o que será de mim.
- HELMER - És, no entanto, minha mulher, apesar de tudo.
- NORA - Ouve, Torvaldo. Quando um mulher deixa o domicílio conjugal, como hoje o faço, as leis - segundo oigo dizer - desligam o marido de todo o compromisso para com ela. Em todo o caso eu sei que te deixo livre. É inútil conservares-te ligado, assim como eu também o não fico. Enteira liberdade de parte a parte. Olha, aqui tens o teu anel; restitui-me o meu.
- HELMER - Também o anel?
- NORA - Também
- HELMER - Aqui o tens.
- NORA - Obrigado. Agora sim tudo acabou. Deixo ali as chaves. Quanto ao govêrno da casa, a ama está ao facto de tudo...melhor do que eu. Amanhã, depois de eu partir, Cristina virá emmalar tudo quanto eu trouxe quando para aqui vim. Desejo que me expeçam essa mala.
- HELMER - Acabou-se tudo! Não queres pensar mais em mim, Nora?
- NORA - Pensarei muitas vezes em ti, é claro, e nos meus filhos, e na casa.
- HELMER - Posso-te escrever, Nora?
- NORA - Não! nunca. Proíbo-to.
- HELMER - Oh! Mas de certo te posso enviar...
- NORA - Nada, nada.
- HELMER - Aussiliar-te se necessitares...
- NORA - Não, já te disse. Nada aceito de um estranho.
- HELMER - Nora...nunca passarei de um estranho para ti?
- NORA - (Segurando a maleta) Ah! Torvaldo, para isso seria preciso o maior dos prodígios!
- HELMER - Que prodíjio? diz...
- NORA - Seria preciso transformarmo-nos os dois

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 825
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



to...Ai! Torvaldo! já não creio em prodíjios!

HELMER - Eu, porém, quero crer neles. Diz. Devíamos transformar-nos a tal ponto que...?

NORA - ...que a nossa união se tornasse num verdadeiro consórcio. Adeus.

(Sai pela porta da entrada)

HELMER - (Caindo numa cadeira junto da porta e cobrindo a cara com as mãos) Nora! Nora! (Ergue a cabeça e olha em tórno de si) Saiu?... (Com esperança nascente) O maior dos prodíjios!?!...

(Ouve-se o ruído da porta do prédio a fechar-se.)

CENA XX

(Continuação)

CAMILA - Ói, amor, ainda acordado a essa hora?

LUCAS - Perdi o sono.

CAMILA - Ai, o meu cabelo tá todo embaraçado. Uê, onde é que tá a escova? (Procura) Meu Deus, eu sempre deixo ela aqui?

LUCAS - Alguém da casa deve ter pego emprestado...

CAMILA - Só pode ter sido o Pablo... (Começa a se despir para deitar) Ai, eu tou com uma dor de cabeça...

LUCAS - Tem aspirina na gaveta. Mas o quê te deu? Tu nunca tem dor de cabeça. (Levemente irônico) Pensei que esse privilégio fosse só meu.

CAMILA - É que hoje a discussão no grupo pegou fogo: A gente pegou o tema da relação entre entrevistado e entrevistador. (Começando a se entusiasmar) É que existe normalmente uma defasagem muito grande entre os dois, entende? Quase sempre, o entrevistador quer "induzir" o entrevistado às respostas que ele espera. E ainda por cima de tudo isso, tem a produção do programa, que é quem prepara a pauta que é entregue ao entrevistador... (Pausa) Lucas..



você não tá muito interessado no que tou falando, n'ê?...

LUCAS - Hãn? desculpe. É que eu tou muito cansado.

CAMILA - Cansado e ainda acordado a essa hora?

LUCAS - É que eu não consigo pegar no sono.

CAMILA - Mas que milagre! Tu sempre foi daqueles que encostas a cabeça no travesseiro e já snem roncando!

LUCAS - É. Mas ũltimamente eu tenho tido insônia, acho que é um pouco de estafa de fim de ano, mais a excitação que eu fico depois dos ensaios...

CAMILA - Eu sei. Quando tu tá ensaiando uma peça, tu não pensa em outra coisa: come, bebe e respira teatro. É agora que tá em véspera de estréia...

LUCAS - É (Volta a leitura)

CAMILA - (Aproximando-se) Tu não vai me dar um beijo?

LUCAS - Hãn?

CAMILA - Eu tou te pedindo um beijo. Afinal, a gente não se viu o dia todo.

LUCAS - (Beija-a friamente.) Desculpe. (Volta a ler.)

CAMILA - Puxa! Que beijo apaixonado!

LUCAS - Eu já te expliquei que tou muito tenso. Tou tentando ler um pouco pra ver se pego no sono. Sinto muito, mas não tô com muita disposição pra beijos apaixonados. Além do mais você tá com o hálito cheirando à bebida.

CAMILA - É que depois da reunião que eu tive com o pessoal da pós-graduação, nós fomos jantar fora.

LUCAS - E isso tem sido seguido, não é?

CAMILA - É. A gente até já falou em dar um fresco porque termina chegando em casa tri-tarde, dormindo pouco e tendo que acordar cedo no dia seguinte... É muito desgastante. Mas por outro lado...

LUCAS - Por outro lado...

CAMILA - Lucas, eu já te falei, n'ê? O pessoal



é um barato. Tem pessoas maravilhosas naquele grupo. Todo o mundo de cabeça feita. E que cabeças ! Pra mim, que sempre convivi com as mesmas pessoas - o pessoal do teatro, principalmente - tem sido uma descoberta. Descobri que não são só os artistas que têm uma super-sensibilidade. Existem outras pessoas em outros círculos com uma vida interior muito rica, apesar de ter uma maneira diferente de ver as coisas. É um outro mundo que tá se abrindo prá mim, que tá me proporcionando experiências que eu não tinha antes com as pessoas da nossa roda.

LUCAS - Que tipo de experiência?

CAMILA - Sei lá...desde as coisas mais intelectuais a nível de trabalho...mas principalmente...

LUCAS - O quê?

CAMILA - Não sei bem como é que vou dizer: é uma qualidade assim de bom-vivant, de curtir não só prazeres intelectuais, mas também assim gostar de comer bem, por exemplo de tomar bons vinhos...Foi com eles que eu aprendi a gostar de vinho, eu que só tomava guaraná. Pode parecer futilidade, mas não é. Ao meu ver, é uma coisa muito sadia. A gente levava uma vida meio espartana, fechados na nossa torre dos COMEDIANTES DA PROVÍNCIA, a vanguarda teatral da cidade, pensando só no trabalho, no máximo um chopinho no Alaska de vez em quando... E com isso, a gente se priva de tanta coisa boa, de prazeres simples e legítimos, que eu acho que a gente merece. De repente, toda essa postura do nosso grupo, parece ser assim, uma coisa de mártir cristão, "sacrificando a vida pela arte teatral" de que a gente se investiu. Parece que nós íamos nos sentir culpados curtindo esses pequenos prazeres da vida, íamos nos sentir burgueses reacionários, passando bem enquanto as "criancinhas do nordeste" morrem de fome e a repressão do governo tá tentando acabar com a cultura brasileira... E eu acho que não é nada disso, não per aí. Essa nossa atitude é uma negação do princípio do



prazer...

LUCAS - (Suspirando) O.K. Terminamos chegando em Freud. Eu acho que depois dessa a gente podia ir dormir, que já são quatro horas e amanhã eu dou aula às 8.30h. Outra hora a gente retoma o papo (Fecha o livro, apaga a lâmpada de cabeceira e se vira para outro lado.)

CAMILA - Lucas?

LUCAS - Mmmm?

CAMILA - Tem cigarro? (Ele lhe passa o maço sem falar. Ela se senta na cama e começa a fumar. Pausa.)

CAMILA - Amor...

LUCAS - (Impaciente) O que é Camila?

CAMILA - Tu não ficou acordado me esperando, n'ê?

LUCAS - Não, claro que não.

CAMILA - Tás falando a verdade?

LUCAS - (Sentando-se) Não. Não tou falando a verdade. Eu não conseguia dormir porque tu não chegava nunca. Eu não posso aceitar que tu volte pra casa todas as noites de madrugada, que tu tejas levando uma vida tão separada da minha, com pessoas que eu mal conheço. (Pausa) A gente tá tão afastado, se vendo tão pouco...

CAMILA - Mas Lucas, são contingências do momento. Tu tás totalmente envolvido com essa montagem, fora as tuas aulas; e eu, esse mestrado também exige demais de mim. Mas é só uma fase. Eu sei que é difícil. A gente sempre trabalhou junto, tinha os mesmos amigos. Agora cada um tá trabalhando em coisas diferentes, os nossos horários não combinam.. Mas é uma coisa passageira, e acho que até muito saudável pro nosso relacionamento. Ele tava muito fechado, a gente tava, sem querer, assumindo uma porção de dependências. Inclusive essa era uma coisa que tu colocava sempre quando a gente começou a transar: que cada um tinha que respeitar a individualidade do outro, não se se-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



marrado...

LUCAS - Eu sei. Eu continuo pensando assi. Mas de repente, parece que essa correção que nós fizemos na nossa vida, a partir do momento em que tu saiu do grupo e começou a fazer o mestrado, foi radical demais - um giro de 180°. Antes a gente passava todo o tempo juntos. Agora, a gente nem se vê...

CAMILA - Talvez isso seja necessário, pra depois a gente chegar a um meio-termo mais satisfatório...

LUCAS - Podê ser. Mas o fato é que eu me sinto meio largado de lado...

CAMILA - (Rindo carinhosa) Amor, tu tá com ciúme?

LUCAS - (Envergonhado) Acho que sim. Me faz mal te ouvir falar com tanto entusiasmo dos teus novos amigos. Eu me sinto excluído...

CAMILA - Eu também me senti excluída, quando o grupo passou por aquela crise toda eu resolvi sair. Eu me achava o pivô da discórdia. Não tinha outra opção. Mas tu continuou trabalhando com eles. Eu não te falei nada, mas eu sofri muito com isso. Me sentia perdida, sozinha, desamparada. Sentia 'ciúme também. O mestrado, e essas pessoas novas que eu descobri me ajudaram a superar esse sentimento.

LUCAS - Eu não sei até que ponto era necessária mesmo a tua saída do grupo. Talvez...

CAMILA - Era sim Lucas. Tanto é que agora, sem mim, vocês tão trabalhando numa boa...E além disso, eu tava me sentindo cansada, saturada daquele desgaste todo...Não dava mais mesmo.

LUCAS - É, eu acho que tu tens razão. Sou eu que tou sendo infantil com essas minhas estórias...Eu, que sempre critiquei a caretice do casamento tradicional, as dependências, a possessividade...Tou dando uma de maridão ciumento.

CAMILA - (Rindo, dá um beijo nele.) Eu sabia que tu ia entender. Eu te amo Lucas, com essa cabeça...



sa que tu tem.

LUCAS - Eu também te amo. Mas agora vamos dormir, que da
qui a pouco já é hora de levantar. (Deita-se)

CAMILA - Só uma coisinha mais que eu queria te falar...

LUCAS - O que é?

(Pausa)

CAMILA - Há bastante tempo que eu tou pra te falar, mas
não tinha coragem. Não sei porque. Acho que era
medo de te magoar, apesar de saber de toda a tua
abertura de cuca...Mas agora, depois desse papo,
eu me sinto mais tranqüila pra te contar...

LUCAS - Contar o que?

CAMILA - (Depois de um silêncio.) Lucas...eu tou transando
com um caro do meu grupo.

LUCAS - O quê?

CAMILA - Eu tou gostando de uma outra pessoa...É o Fábio.
Ele é meu colega de mestrado...

LUCAS - (Cada vez mis estupefato) Transando...como?

CAMILA - Transando, tendo uma relação. Ele sempre vinha me
trazer em casa, e aos poucos a gente foi se ligando
do um ao outro, ficava batendo papo no carro...
Ele tem uma cabeça incrível, como a tua Lucas. Aí
começou a pintar a atração...

LUCAS - (A voz alterada, mas procurando entender) Como é
que é? Tu tá transando com um outro cara é isso?

CAMILA - É, há algum tempo já.

LUCAS - Mas co...Camila, que estória é essa, Camila?

CAMILA - É o que eu tou te contando.

LUCAS - E tu tá me dizendo isso assim, como se fosse a coi
sa mais simples do mundo? "Eu tou transando com
outro cara."

CAMILA - Eu achei que fosse simples...depois de tudo o que
a gente tinha falado, desde que nós dois começamos
a transar...As tuas idéias sobre casamento
que era uma coisa difícil pra nós por causa



da a formação moralista que a gente teve, mas que a gente tinha que batalhar por isso, por manter um relacionamento estável, mas se permitindo transar com outras pessoas, quando tivesse vontade. Eu me lembro que tu dizia que isso era até positivo pra relação, que ela ia se enriquecer com as novas experiências que cada um teria individualmente...

LUCAS - Mas Camila...

CAMILA - Espera aí um pouquinho, deixa eu terminar. Naquela época, essas estórias me deixavam muito encucada. Eu nunca tinha pensado nisso, eu não queria isso, eu não tava preparada, tu foi o meu primeiro cara. Mas tu falava tanto, insistia tanto, que era uma revolução no comportamento que precisava ser feito, porque o casamento era uma instituição falida e não sei que mais...

LUCAS - Camila, eu..o quê que tu tá pretendendo com isso?

CAMILA - Eu? Eu não sei... Pra mim a proposta é mais tua do que minha...Inclusive tu dizia que o fato de a gente morar os 4 juntos já era um 1º passo... E se eu tou te contando essa minha transa com esse cara, é porquê eu tenho...tinha certeza que ia ser uma tranqüila pra ti...que tu ia aceitar numa boa...assim uma relação a três. Talvez até fosse terminar daqui a um tempo...mas, eu não entendo porque tu...

LUCAS - Camila, me escuta agora um pouco.Quando a gente começou a transar, e eu vinha com essas idéias de casamento aberto, eu acreditava firmemente que isso era uma coisa viável. Que não era fácil, mas com a cabeça que a gente tinha, mais cedo ou mais tarde a gente ia conseguir. Mas, sei lá, com o tempo, mais a psicanálise, eu fui me dando conta de uma porção de coisas...

CAMILA - Que coisas?

LUCAS - Em 1º lugar, que não era só tu que era dependente de mim... Eu sou superdependente de

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Eu sinto ciúme dos teus colegas do mestrado, eu fico puto porque tu chega tarde todas as noites.. Pra encurtar e estória, eu tou chegando a conclusão que não somos nós - a nossa geração - que vamos mudar porra nenhuma na "instituição falida do casamento"...eu tou me dando conta que eu sou igual ao meu pai e à minha mãe, os valores são os mesmos, entendeu? (cada vez mais exaltado) e agora com essa estória com esse cara, eu tou me sentindo traído! Marido traído, corno! E tou te achando uma puta! Tou com vontade de te bater na cara, ouviu? (Camila começa a chorar) Tou achando uma merda essa estória toda! E não vou transar essa relação a três, tá sabendo? Eu tou pirado agora, eu sei, tou fora de mim, mas disso eu tenho certeza: Não dá! Não é possível! Eu não ia aguentar. E e o seguinte, ó: ou é o cara ou sou eu!

CAMILA - (Depois de um longo momento em que ela tenta controlar o choro). Eu...eu não esperava essa reação de ti. Eu esperava mais compreensão. Desde que eu te conheço, é sempre tu que tá propondo as coisas novas, em termos de teatro, de vida,..de comportamento...E eu sempre te achei maravilhoso, genial, revolucionário! Ficava babando diante de ti. Tudo o que tu dizia era verdade sagrada pra mim. Mas agora, depois dessa, depois de tudo isso que tu acabou de falar, tu quer saber de uma coisa? Eu também tou me sentindo traída, tá? Porque essa estória de casamento aberto, podia ser até que viesse a acontecer algum dia, mas ia ter que partir de ti, tu é que tinha que ser o primeiro, e não eu! E fui eu que comecei! E é isso que tu não pode aceitar! Porque se tu fosse o 1º, eu ia pensar: "Olha o Lucas tem razão, é possível mesmo." Ia sofrer pra caralho, mas ia aceitar, como eu sempre aceitei tudo o que veio de ti!

LUCAS - Tem isso, também. Eu te dou razão. Tem essa coisa extremamente egoísta dentro de mim, eu sei, agora é que eu tou me flagrando disso. Mas naquela época dourada do fim da década de 60, eu via



partindo juntos pra esse novo tipo de relação...

CAMILA - Hã:

LUCAS - Sô um pouquinho, Camila, deixa eu terminar! Era uma aventura maravilhosa que eu imaginava nós dois vivendo, nós dois procurando novos companheiros fortalecidos no nosso amor. Mas aos poucos eu fui descobrindo que tudo isso eu vivia na minha cabeça super-informada, super-aberta etc...e tal, mas não aqui dentro, entendeu?(bate no peito).No fundo, lá no fundo de mim, eu tou inbuído de um mundo de preconceitos, de uma postura falida que eu herdei da minha família, assim como todo o mundo. Que a gente pode criticar ã vontade, mas não adianta. Não adianta toda a informação do mundo, não adianta ter morado em Nova Yorque ou Paris, não adiantam todas as trips de todas as drogas possíveis e imagináveis! Não é assim que a gente muda. Não é assim!

CAMILA - Mas é agora que tu vem me dizer isso? Depois de quatro ou cinco anos que tu vem me enchendo a cabeça com essas idéias? É muito tempo, entendeu, muito tempo! No começo eu cheguei a pensar que tu não gostava de mim! Quantas vezes eu te pedia pra me acompanhar a algum lugar de noite e tu te recusava porque isso era dependência ou sei lá o quê! Quantas vezes eu quis sair contigo e tu dizia que não, que tu tava a fim de sair sozinho? Hein! (Lucas não responde, Pausa) Tu não vai dizer nada?

LUCAS - Eu não tenho mais nada pra dizer. Eu tou muito magoado...muito mesmo...(Novo silêncio) Há quanto tempo tu tá transando com esse cara?

CAMILA - 6 Meses.

LUCAS - 6 meses?!?! E tu foi incapaz de me falar durante esse tempo todo?

CAMILA - Nos primeiros tempos eu achei que tu sabia.



LUCAS - ...que eu sabia, Camila?!

CAMILA - Calma, Lucas, pelo amor de Deus! Não vamos começar tudo de novo! (Pausa) Eu achava mesmo que tu sabia. Tu te dava bem com o Fábio. Ele te admira muito. Depois eu vi que não, mas tu tava tão en-volvido com os ensaios do espetáculo, que não havia tempo, não havia espaço...a gente começou a se ver tão pouco...(Pausa)Eu acho intuitivamente, eu sabia que ia te doer...(Silêncio entre os dois) E agora? (Lucas não responde) Lucas, eu não queria isso, eu não quero me separar de ti...Lucas.. eu te amo.

LUCAS - (Com raiva) E o Fábio?

CAMILA - (Suavemente) Também.

LUCAS - (Exaltado) Camila, tu tá louca? Tu tá dizendo que ama a mim,, e ao Fábio.

CAMILA - (Suavemente) Sim

LUCAS - (Idem) E quer ficar como os dois...é isso?

CAMILA - (Idem) É. Eu não quero voltar atrás...E não quero te perder.

LUCAS - (Idem) Como assim, Camila? É simples? É tão sim-ples assim pra ti: "Eu não posso voltar atrás... e não..."

CAMILA - (Exaltada) Eu não disse "não posso" . Eu disse "eu não quero".

LUCAS - (Idem) Mas pra mim não dá assim. Eu não seguro essa Não tenho estrutura (Silêncio) E aí o que é que a gente faz?

CAMILA - (Idem) Eu não sei, Lucas! Eu tou tão perdida quanto tu. Eu tava tranquila...Eu não pensei que fosse acontecer tudo isso!

LUCAS - Eu só sei que eu não posso continuar transando contigo sabendo que tem esse cara. Portanto é tu que tem que decidir.

CAMILA - (Depois de um silêncio) Eu acho que assim, dato que tu coloca, já tá decidido.

LUCAS - É...Só não sei se saio ou...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CAMILA - Não. Se alguém tem que ir embora sou eu?

LUCAS - Por quê?

CAMILA - Ora, o que é que eu tenho mais que ver com essa casa, com as pessoas dessa casa? Portanto, quem via, sou eu (Pausa) (Camila coloca alguns objetos numa sacola!) Eu só queria te dizer...que eu não queria isso. (Pausa) Pelo menos não assim (Pausa) Pelo menos não assim (Pausa) Posso te dar um abraço? (Aproxima-se dele. Ele faz um movimento brusco de afastamento. Ela pára, olha para ele e sai.)

LUCAS - (Canta)

Yesterday
 All my troubles seem so far away
 Now it looks as though they're her to say
 Oh I believe in yesteray
 Suddenly
 I'm not half the man I used to be
 There's a shadow havnging over me
 Oh yesterday came suddenly
 Why she had to go
 I don't know, she souldn't say
 I said something wrong
 Now I long for yesterday
 Yesterday
 Love was such an easy game to play
 Now I need a place to hide away
 Oh. I believe in yesterday

CENA XXI
LAR DOCE LAR

LUCAS - Cena final do espetáculo: LAR,DOCE LAR.

Mme. Boulingrin - Prove este chazinho, M. des Rilletes

M. BOULINGRIN - Cuidado, M. des Rilletes. Pode ter veneno!(Des Rilletes engasga o cospe o chá.)

Mme. Boul. - Peste!

M. Boul - Beôcia!



- Mme. Boul - Beôcia, é? Então toma! (Joga o chá na car do marido, mas, naturalmente acerta em D. Rillettes.)
- M. Boul - Mil perdões! Foi um mero descuido. Ela é desastrada.
- D. Rillettes - Mero descuido?!!!!
- Mme. Boul - Muito bem, meu querido, depois desta última, nada mais resta a fazer a não ser. (Tira um revólver do bolso)
- D. Rilletes - Socorro! Polícia!
- Mme. Boul - Tu vais morrer!
- M. Boul - Monstro! Agarra D.Rillettes com escudo.)
- D.Rillettes - Me solte, pelo amor de Deus!
- Mme. Boul - Saia da frente, M.D.Rillettes
- D.Rillettes - Mas ele não me solta!
- Mme. Boul - Então azar o seu. Agora não tem volta, preparem-se pra morrer os dois.
- M. Boul - Assassina!
- D.Rillettes - Meus prezados senhores, por piedade, eu não quero morrer agora! (Tumulto. Os três gritam ao mesmo tempo. Recuando. M.Bouin grin chega ao interruptor de luz. Black out.)
- M. Boul - Por essa você não esperava, não é, benzinho? Vamos, atira!
(Do seio das trevas surgem, em meio a uivos e gemidos, os seguintes gritos.)
- Mme. Boul - Onde é que tu tâ, Filho da puta?
- M. Boul - Aqui, minha coelhinha (Ruído de bofetada. Desnecessário dizer quem a levou foi D.Rillettes, que solta um grito de dor.)
- Mme. Boul - Agora é a minha vez. (Grito de Karatê. Se guem-se gritos de "toma essa! Que essa aqui? E mais essa!" etc... Finalmente, é sempre D.Rillettes quem



- os golpes.) E agora fogo! (Ruído de tiro)
- D.Rillettes - Ai! Bem na bunda!
- M. Boul - Ah, agora é as ganhas, é? Muito bem. Eu quebro o espelho. (Ruído)
- Mme. Boul - Ah, quebraste o espelho, e? Pois eu quebro a cristaleira. (Novo ruído.)
- M. Boul - Ah, quebraste a cristaleira, é? pois eu vou quebrar tudo (Ruídos)
- Mme. Boul - Ah, vais quebrar tudo, é? Muito bem. Eu vou por fogo na casa ! (Novo tumulto)
- D.Rillettes - Por favor, prestem atenção onde pisas.Tem um pé esmagando a minha orelha! (O tumulto chega ao auge. Ao fundo, chamas e fogos de artifício, revelando as silhetas' de M e Mme Boulingrin abraçados e com uma taça de champagne na mão.
- Mme. Boul - (Só para o marido) Belo serviço, amoreco. Aposto que esse chato nunca mais vai aparecer de novo.
- M. Boul - Não vá embora, M.D.Rillettes, fique mais um pouco.
- Mme. Boul - Isso. Vamos beber uma taça de champagne.

CENA XIII

GRAN FILNALE

Love, love, love (3 vezes)
 There's nothing you can do that can't be done
 Nothing you can sing that can be sung
 Nothing you can say, but you can learn how
 to play
 it's easy
 There's nothing you can make that can't be made
 Nothing you can save that can't be saved

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Nothing you can do but you can learn how to be
in time
It's easy
All you need is love (3 vezes)
Love is all you need



CENA XIV

ANDRÉ E PABLO

PABLO - Que é que tu tem André? Tã chateado com alguma coisa?

ANDRÉ - Não, não te^m nada não. Tô só cansado.

PABLO - Hã, hã. A mim tu não engana. Eu te conheço. Tu é meu companheiro.

ANDRÉ - Meu companheiro. (Pausa) É verdade. Eu tô meio de bode.

PABLO - Aconteceu alguma coisa? Me conta(Pausa). Se tu quiser. (André não responde) Tem a ver com nós dois?

ANDRÉ - (Sorri) Não, não tem nada a ver. Prã te dizer a verdade, eu nem sei direito por que é que eu tô assim. Deve ser por causa dum grilo que tã pintando lâ na agência. Eu acho que vou ter que despedir um cara...

PABLO - E isso é muito difícil prã ti.

ANDRÉ - É.

PABLO - E não tem outra solução?

ANDRÉ - Não.

PABLO - Então não adianta tu ficar te deprimindo.

ANDRÉ - Eu sei. Mas não consigo deixar de ficar.

PABLO - Olha, a gente tinha combinado de ir ao cinema e jantar prã hoje à noite. Te lembra? Vamo lá, que assim tu te distrai um pouco.

ANDRÉ - Não, Pablo, eu não tô a fim de sair. Não ia conseguir me divertir.

PABLO - Então tu quer que eu fique contigo?

ANDRÉ - Não, de jeito nenhum. Tu tá tri a fim de ver esse filme.

PABLO - André, eu não tô me "sacrificando" por ti. Eu posso ver o filme outro dia. Acontece que eu te amo, me entristeço de te ver assim, queria te dar uma força. Só isso.

ANDRÉ - Não ia adiantar. Eu tenho é que dormir em ma do problema. Amanhã eu já vou tomar esse le gal. Não te preocupa comigo. Vai pro cinema, vai.



PABLO - Tu tem certeza?

ANDRÉ - Absoluta.

PABLO - Então tã. (Pausa)

ANDRÉ - Pablo, obrigado.

POEMA DE CECÍLIA MEIRELES

CAMILA- Não te aflijas com, a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.
Rosa verás, só de cinza franzida,
mortas intactas pelo teu jardim.
Eu deixo o aroma até nos meus espinhos.
ao longe, o vento vai falando em mim.
E por perder-me é, que me vão lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.

POEMA DE AUGUSTO DOS ANJOS

MAITÊ - Vê, ninguém assistiu ao formidável
enterro da tua última quimera.
Somente a ingratidão, esta pantera,
Foi tua companheira inseparável.
Ó homem, que nesta terra miserável,
Vivias entre lamas e entre feras,
E sente a necessidade inexorável.
Toma um fósforo, acende o teu cigarro.
O beijo, amigo, é a véspera do escarro
E a mão que afaga é a mesma que apedreja.
Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja esta mão vil que te afaga
E escarra nesta boca que te beija.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 815
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Luiz Arthur Nunes

Humberto

ate 22/4

CENA I

LUCAS - Pablo?

PABLO - Alô?

LUCAS - Pablo?

PABLO - Sim. Quem é?

LUCAS - Ôi Pablo. Aqui é o Lucas.

PABLO - O quê?

LUCAS - O Lucas!

PABLO - Tá doído, cara!

LUCAS - Eu mesmo

PABLO - Mas... tu tá na cidade, bicho?

LUCAS - Há dois meses. Você é que tava sumido.

PABLO - Eu tava de férias, viajando. Mas tu tá aí, cara, que barato! (Ambos riem contentes) Nós temos que nos pechar! Mas o quê que te trouxe a essa província?

LUCAS - A universidade. Me chamaram pra organizar o pós-graduação de teatro.

PABLO - Pode crer!

LUCAS - Mas com é que andam as coisas por aqui?

PABLO - Tu quer saber sobre teatro?

LUCAS - É

PABLO - Olha, tá na mesma. A barra de sempre. Não dá nem pra sobreviver. Subvenções minguadas, pouco público... Muitas pessoas foram embora, como tu, outras desistiram...

LUCAS - Mas uns poucos bravos resistem sempre, não é?

PABLO - (Rindo) De algum jeito a gente tem que fazer a cabeça, n'ê? E teatro é o meu meio de transporte preferido, como o diz o pessoal do Asdrúbal. Mas pra te resumir a estória, continua a mesma merda.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LUCAS - Eu imaginava. Em S.Paulo e Rio também não tá fá-
cil.

PABLO - Mas é outro papo, lá. Tu foi um que deu tribem.

LUCAS - Até por aí. Claro, tem mais infra-estrutura, mais
público, o trabalho da gente aparece. Mas a ba-
talha é cruel. Foi meio pra me dar um refresco
que eu resolvi voltar. E também pra aquecer o
coração revendo as pessoas queridas.

PABLO - Pode crer, bichão. Tou louco pra te abraçar.

LUCAS - Eu também. E pra te falar de um lance que eu
tou tramando...

PABLO - Ih, cara, não faz estória, que eu já fico com
coceira!

LUCAS - Pois só pra te dar um trailer, eu tou numas de
reviver os COMEDIANTES DA PROVÍNCIA.

PABLO - Ah, pára, que já me deu uma frouxura nas pernas!

LUCAS - Pois não era o maior e o melhor grupo de tea-
tro da cidade?

PABLO - Só!!! (Ambos riem)

LUCAS - Não, sem brincadeira. Eu tou a fim de dirigir um
espetáculo aqui, e é claro que pensei primeiro
nos meus antigos companheiros de grupo.

PABLO - Que barato!

LUCAS - Seria uma transa assim, simples, pra 2 atores e
2 atrizes. Eu trabalharia de ator também. A
idéia é uma colagem de cenas de peças que falas
sem sobre as relações afetivas - sobre o amor -
misturando desde a Dama das Camélias até a Casa
de Bonecas.

PABLO - Tou nessa, bicho! Nem precisa falar de novo.
E qual é o título?

LUCAS - É bem nostálgico. Prá nossa geração. LOVE/LOVE/LO-
VE. (Começa a cantar. Pablo acompanha. Os dois
riem.)

PABLO - Que legal, Lucas voltar a trabalhar contigo! E
em quem mais tu pensou?

LUCAS - Pensei também na Maitê. Tudo bem de jun-
tões dois?

